

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
Curso de pedagogia

**“O PROFESSOR NÃO PODE FALAR ERRADO”:
Docência e variação linguística na rede social X, a partir de
falas de Larissa no BBB23**

NATÁLIA LEITE OLIVEIRA DE SOUZA

JOÃO PESSOA, PB
Novembro - 2023

NATÁLIA LEITE OLIVEIRA DE SOUZA

**“O PROFESSOR NÃO PODE FALAR ERRADO”:
Docência e Variação Linguística na rede social X, a partir de falas de
Larissa no BBB23**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso ao Curso de Licenciatura em Pedagogia - Presencial, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, *campus* I, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Hermes Talles dos Santos Brunieri

João Pessoa, PB
Novembro - 2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S729o Souza, Natalia Leite Oliveira de.

"O professor não pode falar errado": docência e variação linguística na rede social X, a partir de falas de Larissa no BBB23 / Natalia Leite Oliveira de Souza. - João Pessoa, 2023.

79 f. : il.

Orientação: Hermes Talles dos Santos Brunieri.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Variação linguística. 2. Preconceito linguístico. 3. Representação docente. 4. BBB23. I. Brunieri, Hermes Talles dos Santos. II. Título.

UFPB/CE

CDU 37(043.2)

NATÁLIA LEITE OLIVEIRA DE SOUZA

“O PROFESSOR NÃO PODE FALAR ERRADO”:

Docência e Variação Linguística na Rede Social X, a partir das Falas de Larissa no BBB 23

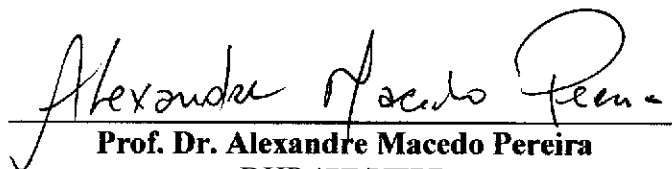
Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Pedagogia – Presencial, do Centro Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau acadêmico de Licenciatura.

Aprovada em 09 de novembro de 2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Hermes Talles dos Santos Brunieri
DME/CE/UFPB
Orientador



Prof. Dr. Alexandre Macedo Pereira
DHP /CE/UFPB
Examinador



Prof.ª Dr.ª Danielle Cristine Camelo Farias
DME/CE/UFPB
Examinadora

Dedico este trabalho a minha madrinha,
por ser meu maior exemplo de docente,
que, desde o início da minha vida,
me foi sinônimo de coragem, dedicação e afeto.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por sempre estar ao meu lado e me capacitar durante o processo de escrita deste trabalho.

A meus pais, por priorizarem a minha educação durante toda a fase escolar e comemorar comigo a entrada na graduação, me apoiando em todos os sentidos e momentos. Não existem palavras suficientes para demonstrar minha gratidão a vocês.

A minha madrinha, Adriana, por tudo. Obrigada por me acompanhar desde o meu nascimento. Tenho-a como exemplo a ser seguido, espero, algum dia, me tornar para alguém quem você é pra mim. Obrigada, tia, por ser minha inspiração todos os dias, e principalmente por me apresentar à pedagogia. Se não fosse por você, eu não teria feito minha matrícula no curso e muito menos estaria fazendo este trabalho. Imensamente, obrigada.

A minha tia, Niedja, por ser presente em minha vida e sempre me ajudar pedagogicamente. Obrigada também por me ajudar no meu processo de aprendizagem no ensino fundamental, me auxiliando com minhas atividades de casa.

A minha prima-amiga, Ellen, e demais familiares, por acreditarem em mim todo o tempo, sendo minha força e alicerce.

A meu querido amigo, Kevin, sou grata à pedagogia por nos unir. De muitos bens que a UFPB me trouxe, você é um deles. Obrigada pela parceria durante os períodos remotos.

A minha leal amiga, Bruna, por sempre me acolher e apoiar toda a minha trajetória acadêmica, me incentivando a participar de projetos e aumentar minha experiência na docência.

Ao Programa de Residência Pedagógica pela rica experiência de imersão docente.

A Ludmila, minha preceptora do Programa de Residência Pedagógica, pela paciência, disponibilidade e aprendizado. Sua prática me inspira e tenho em você um exemplo de docente.

A Luciana, que passou pelo meu caminho durante as vivências na Residência Pedagógica. Graças às experiências vividas neste processo, me sinto mais preparada para lidar com os desafios da sala de aula.

A Fernanda, pela parceria durante a Residência Pedagógica, minhas vivências se tornaram mais interessantes e leves com sua presença.

A Alexandre, meu professor querido, minha gratidão por sua presença na minha vida acadêmica. Você foi essencial para minha formação como docente e, acima de tudo, como humana. As universidades precisam de mais professores assim, sua prática inspira e me dá vontade de seguir a carreira docente com a esperança de ser uma profissional inspiradora.

A professora Danielle, por todo aprendizado durante a disciplina de ‘Ensino de História’. Foi um prazer aprender com você e sua prática, neste semestre.

A professora Blenda, por me acolher em um momento de dificuldade no meu primeiro período. Ações como a sua me fazem continuar firme na caminhada.

A professora Lebiã, por todo o conhecimento compartilhado durante a monitoria na disciplina de ‘Educação e Tecnologia’, que me foi uma experiência muito gratificante e de grande aprendizado.

A Harley, meu professor de redação do Ensino Médio, meu profundo agradecimento por me incentivar na escrita.

A Eduardo, o professor mais didático e carismático que tive oportunidade de conhecer. Obrigada por tornar a minha experiência com a matemática mais leve, sua paciência e humor tornaram o meu processo de aprendizagem mais significativo.

E, principalmente ao meu orientador, professor Hermes, por me guiar neste longo caminho e acreditar em mim e na minha proposta. São vários os motivos para lhe agradecer, sinto que minha vida acadêmica mudou positivamente, quando fui sua aluna, ainda no período remoto, na disciplina ‘Linguagem e Interação’, a única disciplina que, até então, me tocou mais

profundamente. Foi ali que decidi a minha área de pesquisa. A área de linguística me encantou, mas a sua didática, seu humor e carisma fizeram a diferença. No ano seguinte, ser sua monitora nessa mesma disciplina foi uma experiência sem igual. Muito obrigada pela oportunidade de poder ministrar minha primeira aula na graduação, principalmente em um assunto que tenho tanto carinho, “Gêneros Textuais e Variação Linguística”. Hoje, ser sua orientanda é um prazer. Sou muito grata por ter a chance de aprender e crescer com um profissional tão empenhado.

“É justo que muito custe o que muito vale”.

Santa Teresa D'Ávila

RESUMO

Apesar de pertinente, são poucos os estudos acerca da relação entre preconceito linguístico e docência no âmbito científico. Portanto, visando contribuir para esta área, o presente trabalho traz reflexões sobre as variedades da língua portuguesa e sua relação com a representação docente em nossa sociedade contemporânea. Nesse sentido, trazemos como questões de pesquisa: “Qual o entendimento de língua que subjaz ao discurso do público do BBB23 na rede social X?” e “Quais os discursos sobre ‘ser docente’ foram construídos no X a partir da variante linguística falada da participante Larissa Santos?”. Temos como objetivo geral compreender a relação entre representação docente e preconceito linguístico que se constrói no X, e, como objetivos específicos, apresentar conceitos de língua, variação e preconceito linguístico, descrever a representação docente em nossa sociedade, analisar a relação entre língua e sociedade, e, principalmente, o preconceito linguístico contra professores na rede social X. Como metodologia, adotamos a pesquisa qualitativa e etnográfica (ou de campo) digital, e a Análise de Conteúdo para examinar trechos de vídeos do programa BBB, edição 23, e comentários retirados da mencionada rede social que abordem ou possuam, de alguma forma, manifestações sobre a variante linguística da *sister* Larissa Santos, preconceito linguístico e representação da profissão docente. Os resultados demonstram que a maioria das pessoas que tecem comentários nessa rede social não possuem conhecimentos sobre variação linguística e consideram que alguém que tenha realizado um curso de graduação deva empregar, constante e independentemente das situações, a variante de prestígio da língua portuguesa brasileira, o que está na base da manifestação de preconceitos, entre eles, o linguístico, que tende a ser potencializado pelo fato de a referida participante ser professora. Nesse sentido, percebemos, nesses comentários, que é esperado do docente o domínio e o uso da variante linguística de prestígio. Quanto essa expectativa não é correspondida, há o questionamento sobre a formação e a qualidade profissional do docente. De forma geral, a investigação permitiu-nos compreender que há necessidade de maior discussão sobre língua e variação linguística, para se combater, de alguma forma, o preconceito linguístico, e que há relação entre domínio da língua e representação da profissão docente.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística; Preconceito Linguístico; Representação Docente; BBB 23; X.

RESUMEN

A pesar de ser pertinente, son pocos los estudios sobre la relación entre el prejuicio lingüístico y la enseñanza en el ámbito científico. Por lo tanto, con el objetivo de contribuir a esta área, este trabajo presenta reflexiones sobre las variedades del idioma portugués y su relación con la representación del docente en nuestra sociedad contemporánea. En este sentido, planteamos las siguientes preguntas de investigación: "¿Cuál es la comprensión del lenguaje subyacente en el discurso del público del BBB23 en la red social X?" y "¿Qué discursos sobre 'ser docente' se han construido en X a partir de la variante lingüística hablada por la participante Larissa Santos?". Nuestro objetivo general es comprender la relación entre la representación del docente y el prejuicio lingüístico que se construye en X, y nuestros objetivos específicos incluyen presentar conceptos de lengua, variación y prejuicio lingüístico, describir la representación actual de los profesores en nuestra sociedad, analizar la relación entre lengua y sociedad, y especialmente el prejuicio lingüístico contra los profesores en la red social X. En cuanto a la metodología, hemos adoptado la investigación cualitativa y etnográfica (o de campo) digital, así como el análisis de contenido para examinar fragmentos de videos del programa BBB, edición 23, y comentarios extraídos de la mencionada red social que aborden o contengan de alguna manera manifestaciones sobre la variante lingüística de la participante Larissa Santos, el prejuicio lingüístico y la representación del docente. Los resultados muestran que la mayoría de las personas que hacen comentarios en esta red social no tienen conocimientos sobre la variación lingüística y consideran que alguien que ha completado una carrera universitaria debe usar, de manera constante e independientemente de las situaciones, la variante de prestigio del portugués brasileño, lo que subyace en la manifestación de prejuicios, incluido el prejuicio lingüístico, que tiende a acentuarse debido a que la participante en cuestión es profesora. En estos comentarios, observamos que se espera que el docente domine y utilice la variante lingüística de prestigio. Cuando esta expectativa no se cumple, se cuestiona la formación y la calidad profesional del docente. En general, la investigación nos ha permitido comprender la necesidad de una mayor discusión sobre el lenguaje y la variación lingüística para combatir de alguna manera el prejuicio lingüístico, y también ha demostrado que existe una relación entre el dominio del lenguaje y la representación del docente.

PALABRAS CLAVE: Variación Lingüística, Prejuicio Lingüístico, Representación Docente, BBB 23, X.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1. Língua e Variação Linguística	17
2.2. Preconceito linguístico	22
2.3. Representação da profissão docente	25
2.4. O Programa Televisivo Big Brother Brasil	28
3. METODOLOGIA	31
4. ANÁLISE	35
4.1. Adedonha	35
4.2. Truce e Sube	37
4.3. Menas	48
4.4. Inseguranças pós-BBB	55
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
6. REFERÊNCIAS	65
7. ANEXOS	68
A: Jogo Adedonha	68
B: Truce - jogo da discórdia	68
C: Truce - vestido	69
D: Truce - sapato	69
E: Sube	70
F: Menas	70
G: Insegurança - PodDelas	71
H: Comentário Truce-1	71
I: Comentário Truce-2	71
J: Comentário Truce-3	72
K: Comentário Truce-4	72
L: Comentário Sube-1	72
M: Comentário Sube-2	73
N: Comentário Sube-3	73
O: Comentário Sube-4	73
P: Comentário Sube-5	74

Q: Comentário <i>Sube</i> -6	74
R: Comentário <i>Menas</i> -1	75
S: Comentário <i>Menas</i> -2	75
T: Comentário <i>Menas</i> -3	76
U: Comentário <i>Menas</i> -4	76
V: Comentário <i>Menas</i> -5	77
W: Comentário <i>Menas</i> -6	77
X: Comentário <i>Menas</i> -7	77
Y: Comentário <i>Menas</i> -8	77
Z: Comentário <i>Menas</i> -9	78
AA: Comentário <i>Insegurança</i> -1	79
AB: Comentário <i>Insegurança</i> -2	80
AC: Comentário <i>Insegurança</i> -3	80
AD: Comentário <i>Insegurança</i> -4	81
AE: Comentário <i>Insegurança</i> -5	81

1. INTRODUÇÃO

Motivada pelo grande número de comentários preconceituosos acerca das falas da participante Larissa Santos, conhecida, popularmente, assim como as outras integrantes, por *sister*, durante o Programa Televisivo *Big Brother Brasil* de 2023 (BBB23), transmitido pela rede Globo de televisão, esta monografia busca compreender qual e como a linguagem e a representação docente vêm sendo construídas nas redes sociais *X*¹.

O foco central desta pesquisa é a análise de alguns comentários acerca da variedade linguística da *sister* que foi alvo de críticas, e explicar, com base, principalmente, nos estudos sociolinguísticos, como se configura a língua e por que a participante recebeu tantas mensagens de ódio. Além dele, também pretendemos compreender a relação entre representação docente e o preconceito linguístico construída na rede social *X* a partir das falas da participante Larissa no BBB23, baseando-se nas noções de língua, variação e preconceito linguístico e relacionando-as à imagem social docente no Brasil contemporâneo.

Desse modo, objetivo, no decorrer deste trabalho, responder às seguintes questões: “Qual o entendimento de língua que subjaz ao discurso do público do BBB23 na rede social *X*?”, “Quais os discursos sobre “ser docente” foram construídos no *X* a partir da fala da participante Larissa Santos?”

A motivação para este tema de pesquisa se deve, por um lado, a meu incômodo com relação aos ataques sofridos pela mencionada participante na rede social *X*, por conta, em parte, de dizer constantemente as formas não valorizadas, por exemplo, “truce” e “menas”, e, em parte, durante uma brincadeira conhecida popularmente por *adedonha* ou *adedanha*, ou ainda, *stop*, quando, para indicar uma modalidade esportiva com as letras “R”, “E” e “M”, a participante disse “**H**andball”, baseada na pronúncia, “**R**endball”, e não na escrita em língua inglesa. Esses acontecimentos motivaram discursos preconceituosos por alguns internautas, cujo argumento principal era o fato da *sister* ser professora.

Por outro, a motivação também se deve a minha própria história pessoal. Nordestina, vinda de família humilde, aprendi desde cedo que a educação era a melhor forma de garantir meu futuro e assegurar minha qualidade de vida em um país desigual como o nosso. Apesar das dificuldades na escola de Educação Básica em alguns componentes curriculares, o de língua

¹A partir de 24 de julho de 2023, a rede social *Twitter* passou a se chamar *X*. Neste trabalho, opto por mencioná-la como *X*.

portuguesa sempre foi o meu forte. Lembro-me de que fazia minhas atividades escolares com minha tia, pedagoga, que sempre se fez presente no meu processo educativo.

Os anos se passaram, as dificuldades aumentaram. Do Ensino Fundamental fui para o Ensino Médio ainda amando a língua portuguesa. Amava quando me perguntavam qual minha “matéria” favorita, pois eu era a única que arriscava falar que gostava de “português”, que sempre foi tido, por muitos de meus colegas, como “difícil”, “chato”, “cheio de regras”. Nada disso me incomodava, sempre gostei de saber sobre conjugação de verbos, grau das palavras, ortografia, redação e literatura e, acima de tudo, aspectos da oralidade, a diversidade do português falado.

No 3º ano do Ensino Médio, cursado no Colégio Ateneu, localizado no bairro de Cruz das Armas, em João Pessoa, Paraíba, percebi que a língua portuguesa era o único componente curricular que eu sentia gosto de estudar, que, apesar das dificuldades, eu sentia prazer em saber mais. No final daquele ano letivo, todos os alunos já estavam decidindo o curso de graduação que fariam, contudo eu não sabia exatamente o que fazer, sabia apenas que gostava de “português”, mas não sabia se levava jeito para ensiná-lo.

Nesse período de incerteza, minha madrinha, aquela que me ajudava com as atividades escolares em casa, me apresentou o curso de Pedagogia, me mostrou os componentes curriculares. Percebi que gostava da proposta do curso. Decidi, então, arriscar cursá-lo por já gostar e conviver com crianças. Porém, no meio da graduação, senti falta de estudar língua portuguesa, me senti frustrada e pensei, por inúmeras vezes, em desistir do curso. Apesar disso, continuei e cursei a disciplina “Linguagem e Interação”, em 2022, ainda no ensino remoto, pois estávamos no meio da Pandemia de COVID-19. Foi nesse momento que senti que me identifiquei e me decidi: quero ser professora de língua portuguesa. Contudo, não desisti e continuei minha graduação em Pedagogia.

No semestre seguinte, fui aprovada no Programa de Monitoria nessa mesma disciplina, ministrada também pelo professor Hermes, que tinha sido o docente no período em que cursei. Foi-me uma experiência única, além de aprender sobre a docência, foram-me meses de aprendizado sobre a língua portuguesa. Tive a chance de ministrar uma aula sobre gêneros textuais e variação linguística. Enquanto me preparava para a aula procurei outras fontes teóricas e encontrei livros do linguista Marcos Bagno, me interessei ainda mais pela área e decidi que era isso que eu queria abordar no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Pensando em como mesclar a Pedagogia com a Linguística, achei que seria interessante estudar a representação que as pessoas têm dos professores na sociedade atual, e

coincidentalmente ou não, nesse período de escolha do tema de investigação, o Programa Televisivo *Big Brother Brasil*, edição 23, estava em exibição. Comecei a prestar atenção em algumas postagens no X repletas de preconceito linguístico contra uma das participantes do *reality*, Larissa Santos, catarinense, professora de Educação Física para crianças. Comecei a pesquisar sobre essa questão e percebi que não existem muitas pesquisas científicas que abordem a questão do preconceito linguístico contra professores nas redes sociais. Assim, cheguei ao tema desta pesquisa.

Dessa forma, defini como **Objetivo Geral**: Compreender a relação entre a representação docente e o preconceito linguístico construída na rede social X a partir das falas da participante Larissa Santos no BBB23. E como **Objetivos Específicos**:

- Conceituar língua, variação e preconceito linguísticos;
- Descrever a imagem social docente no Brasil contemporâneo;
- Analisar a relação entre língua e construção social da representação docente a partir de comentários na rede social X; e
- Analisar o preconceito linguístico contra os professores no X.

Com o intuito de contemplar o propósito do trabalho, a pesquisa será dividida em cinco capítulos, sendo o primeiro a introdução, o segundo de fundamentação onde serão encontradas percepções de língua, variação linguística, preconceito linguístico, representação docente e uma pequena introdução ao programa *Big Brother Brasil*, no terceiro capítulo se encontra o percurso metodológico, que detalha o tipo de abordagem escolhida para este trabalho, em seguida serão apresentadas as análises, finalizando com as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, primeiro, serão desenvolvidas noções de linguagem, divididas em subtópicos que abordam: 1. língua e variação linguística, trazendo as concepções de linguagem e explicitando as diferenças entre *variação*, *variante*, *variável* e *variedade*; e 2. preconceito linguístico, explicando tal noção teórica e sua manifestação social. Na sequência, refletimos sobre a 3. representação da profissão docente no Brasil, fazendo um breve recorte histórico acerca do desenvolver dessa profissão, destacando sua relação com o público feminino. Por fim, apresentamos 4. o programa *Big Brother Brasil*, objetivando contextualizar sua criação e impacto na sociedade brasileira.

2.1. Língua e Variação Linguística

De acordo com Bagno (2014), a língua é uma entidade em constante mudança, é viva e se transforma todos os dias, sendo constituída por diversas variações, expressões e sotaques, diferenças fonéticas - modo de pronunciar -, diferenças sintáticas – modo de organização das frases e expressões -, diferenças semânticas - significado das palavras –, e também as diferenças lexicais, em comparação com Portugal, que são palavras que existem em um país e, no outro, não. Porém, diferentemente do que pensamos, essas diferenças também existem no Brasil, por diversos fatores, entre eles, sociais, culturais, geográficos, geracionais, situacionais e históricos. Dessa forma, concebemos a língua como uma mistura que resulta de toda a diversidade brasileira.

Em vista disso, não há uma língua una ou uniforme, mas um feixe de variedades linguísticas que formam uma língua. Conforme afirma Bagno (2014, s/p) “O termo variação se aplica a uma característica das línguas humanas que faz parte de sua própria natureza: a heterogeneidade. A palavra *língua* nos dá uma ilusão de uniformidade, de homogeneidade, que não corresponde aos fatos”. Nesse sentido,

A variedade linguística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de *status* ou de papel entre indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua. Ou seja: a primeira verdade que devemos encarar de frente é relativa ao fato de que em todos os países (ou em todas as "comunidades de falantes") existe variedade de língua. E não apenas no Brasil, porque seríamos um

povo descuidado, relapso, que não respeita nem mesmo sua rica língua (POSSENTI, 1990, p.33).

Dessa forma, fica perceptível mais uma vez que a variedade é inerente ao homem, sendo inútil e desgastante a tentativa de colocá-la em um único molde, visto que a sua existência não compromete o entendimento nas interações.

Cabe, aqui, explicar os conceitos de **variedade**, **variação**, **variável** e **variante**. Coelho *et al.* (2010) apontam que o conceito de *variedade* é geral e amplo, sendo, no nosso caso, a variedade linguística brasileira, que é compreendida com a língua portuguesa do Brasil, como um todo. Bagno (2007, p. 47) considera que “uma variedade linguística é um dos muitos ‘modos de falar’ uma [mesma] língua”.

Variação, para Bagno (2007), significa que a língua não é una, mas fluida e heterogênea. Trata-se de algo inerente a qualquer língua, por conta de seu aspecto social, caracterizado pela marca de seus falantes. Bagno (2007, p. 40), explica que “a variação não é aleatória, fortuita ou caótica - muito pelo contrário, ela é estruturada, organizada, condicionada por diferentes fatores”. Ao contrário de muitos pensamentos, ela é enriquecedora ao aumentar o nosso conhecimento linguístico a partir de interações verbais (COELHO *et al.*, 2010).

Já *variável*, segundo Bagno (2007, p. 50), “[...] é algum elemento da língua, alguma regra, que se realiza de maneiras diferentes, conforme a variedade linguística analisada”. É uma forma mais abstrata de definir realizações linguísticas, havendo nela o que os sociolinguistas chamam de *variantes*, que são as formas individuais usadas no dia a dia. Um exemplo simples é o uso de “tu” e “você” para se referir a segunda pessoa do singular. Outros exemplos são a realização fônica do /r/ e /s/, que varia conforme as regiões brasileiras.

Dessa forma, é preciso compreender que toda variante ocorre dentro de uma variável, que por sua vez, faz parte de uma variação de uma variedade linguística. Essas diferentes realizações originam-se devido ao uso social da língua, que insere nestas questões extralinguísticas. É sem este conhecimento que o preconceito linguístico começa, quando a sociedade determina o valor social de cada variante.

Sendo um fenômeno social, uma prática de interação, Antunes (2009) argumenta que a língua é funcional, existindo para nosso uso, falando por nós, carregando nossa história, nossas origens, perpassando questões linguísticas e entrando no âmbito social, cultural e político. Por isso, não se deve existir o conceito de língua “certa” e “bonita”, visto que cada modo de falar carrega uma identidade.

Adentrando nessa questão, conforme Neder (1993) e Santos (2017), os linguistas compreendem a linguagem através de três grandes concepções: a linguagem como expressão

de pensamento, a linguagem como instrumento de comunicação e a linguagem como processo de interação verbal.

De acordo com a primeira concepção, a linguagem é uma representação do real através de palavras, tornando possível a percepção humana da realidade sensível, por isso, ela dá forma aos pensamentos humanos e permite a eles não só pensar, mas também compreender e tratar linguisticamente do que lhe é externo.

Para essa concepção, é a racionalidade que nos difere dos demais seres vivos que não se utilizam da linguagem. Por isso, se o homem não sabe falar “bem”, é porque também não saberia pensar. Nessa tendência, por conta da racionalidade, nascemos com a capacidade de externalizar nossos pensamentos, se não conseguimos articular “bem” o que pensamos, nosso texto, escrito ou oral, ficará confuso. Logo, deve-se seguir uma lógica mental para estruturar satisfatoriamente nossas produções verbais.

Assim, a escrita, por ser mais perceptível visualmente e perene temporalmente, foi tomada como base para a produção de textos falados, submetendo estes àquela. No caso do português brasileiro, a variedade que mais se aproxima dela é considerada como culta, que é socialmente tida de prestígio e associada à elite política, socioeconômica e cultural brasileira.

Indo além da discussão do senso comum em que norma culta e norma-padrão são sinônimos, Guerra (2011) aponta que não há relação de sinonímia entre estes termos. Sendo o primeiro, norma culta, a variedade na qual o sujeito, em sua fala, traz muitos elementos da língua escrita, de modo que, geralmente, apenas pessoas com certo grau de escolarização são consideradas falantes dessa variedade, dando assim a impressão de que somente pessoas “cultas”, sábias e bem instruídas compõem a pequena parcela de brasileiros que falariam português corretamente. A norma-padrão seria um compilado de preceitos à escrita, com o objetivo de padronizar essa modalidade da língua, que diverge da variedade culta, por ser essa oral. Por extensão, inadvertidamente, esses preceitos se estendem também à modalidade oral, elencando o que deveria ser considerado como adequado e inadequado na língua, ou errado e certo. Disso decorre a valorização de algumas variedades e marginalizando outras (GUERRA, 2011). Vale pontuar que a norma-padrão é um “[...] modelo de língua que é ‘definido’ e ‘estabelecido’ e que, portanto, não representa um uso efetivo e real” (BAGNO, 2007, p. 107).

Pensar a linguagem como expressão de pensamento seria pensá-la como construção da mente humana, sendo sua exteriorização uma mera tradução da nossa atividade mental, isto é, do pensamento. No entanto, para essa concepção, antes do pensamento ser externalizado passamos por um processo de concepção, julgamento e raciocínio, que são respectivamente

momentos de: definição, comparação e reflexão de fatos, sendo nossa fala influenciada pela maneira que concebemos uma informação e a ponderamos (NEDER, 1993; SANTOS, 2017).

Para a segunda tendência, *instrumento de comunicação*, a linguagem é um sistema de formas que deve ser seguido rigorosamente. Ele envolve fatores fonéticos, gramaticais e lexicais. Nessa perspectiva, cada fala é única, existindo diversas formas com aspectos idênticos de falar encontradas nos mais variados grupos sociais, isto é, a estrutura linguística, sendo ela o seu fator unificador das diferentes variedades linguísticas.

Por se basear na ciência, para essa tendência a linguagem não é reflexo do pensamento. Trata-se de um sistema, em sentido restrito, sociocultural e histórico, externo ao humano, do qual os homens se apropriam para conseguir se comunicar verbalmente (NEDER, 1993; GERALDI, 1995; SANTOS, 2017). Por isso, por se tratar de um sistema amplo e da atividade comunicativa ser diversa, existem diversas formas de usá-lo, havendo, porém, algo que se assemelha em todas elas, geralmente a estrutura, sendo possível assim a comunicação entre os povos falantes dessa mesma língua, isto é, por usarem em suas comunicações o mesmo sistema linguístico. Dessa forma, por ser externa ao homem, ela se caracteriza como mecanismo que possibilita a comunicação.

Já a terceira concepção, *processo de interação verbal*, entende a linguagem como ato de interação. Nela há a compreensão de que a língua está em constante adequação às atividades de interações sociais, entendendo a estrutura do enunciado como uma construção que depende do sujeito falante, do seu grupo de convivência, de sua localidade, idade, entre outros fatores sempre condicionado a aspectos da situação comunicativa. Nessa perspectiva, a língua propicia interação linguística, sendo ela a principal manifestação da atividade verbal de qualquer tipo, oral ou escrita.

Essa tendência entende a interação como o ponto chave da linguagem, fazendo-se e reinventando-se no cotidiano, sendo escrita ou falada. Vale salientar que, ela é concreta, portanto, deve ser sempre analisada dentro de um contexto. Dessa forma, uma língua só pode ser avaliada e julgada dentro de um contexto sócio-histórico, visto que o texto resulta de uma soma de fatores intra e extralinguísticos (SANTOS, 2017).

Na esteira dos estudos baseados na segunda e, depois, na terceira concepção de linguagem, surgindo com a sociolinguística, os estudos da variação linguística se aplicam à uma característica das línguas humanas que faz parte de sua própria natureza: a heterogeneidade. Conforme pondera Bagno (2013), a palavra língua nos dá uma ilusão de uniformidade, de

homogeneidade, que não corresponde aos fatos, por um conjunto de variedades que resultam de diferentes variações: diastrática, diatópica, diafásica, diacrônica e diamésica.

Conforme Bagno (2013, 2007) e Terra (2021), a primeira, **diastrática**, ocorre devido à diversidade social, se referindo à variação na fala de pessoas dos mais diferentes grupos sociais, níveis de escolarização, sendo apresentada a variedade popular, falada e culta, além dos grupos religiosos. A segunda, **diatópica**, ocorre por razões geográficas que, além de diferir em relação às regiões do país, é possível ver variação entre pessoas da capital e da zona rural e, até mesmo, entre os bairros, tendo os habitantes de regiões periféricas um modo de falar diferente daqueles moradores de áreas centrais. A terceira, **diafásica**, é a que se adequa às situações, dependendo do contexto nas situações de comunicação, sendo mais individual e caracterizada, também, a partir da idade, sexualidade, gênero, raça e intimidade entre os falantes. A quarta, **diacrônica**, é resultado do processo de desenvolvimento da língua, ocorre com o passar do tempo e prova que a língua é viva e está sempre em transformação. Já a última, **diamésica**, é resultado da variação entre a língua escrita e falada em diferentes meios e situações. “Os gêneros discursivos são exemplos que se encaixam nas variações *diamésicas*, pois dependendo dos textos, sejam falados ou escritos, apresentam recursos linguísticos próprios” (GOMES *et al.*, 2017, p. 19). A notícia, por exemplo, se for escrita terá diferente constituição textual se for oral.

Dessa forma, é possível entender que a noção de preconceito linguístico se constitui relacionada, principalmente, aos tipos de variação linguística. De acordo com Bandeira e Batista (2002), podemos considerar que, de forma geral, preconceito seria a atitude de discriminação comumente direcionados a uma pessoa ou grupo social com relação de diferença, sendo atualmente mais suscetível a isto mulheres, pobres, negros, indígenas, pessoas LGBTQIA+, nordestinos, pessoas com deficiência, entre outros.

Infelizmente, na atualidade, com a ascensão das redes sociais, a questão do uso e da maneira de falar tem sido alvo constante de preconceito linguístico. O preconceito pelo modo de se expressar linguisticamente desconsidera que não existe apenas uma variedade linguística, única e válida para se interagir verbalmente. Tal preconceito reside, muitas vezes, em desconhecimento sobre a plasticidade da língua e sua adequação às situações de comunicação. Além disso, compreende a variedade culta e a norma-padrão como modelos a serem seguidos indistintamente em todas as atividades de interação e se explicita uma atitude de discriminação (BANDEIRA; BATISTA, 2002). Bagno (UNE, s/a, s/p), em uma entrevista, define que

O preconceito linguístico é a atitude que um indivíduo ou um grupo social assume diante de algum modo de falar que é diferente do seu. Pode ser uma variedade linguística social (usada por determinada classe social) ou regional, mas também pode

ser uma outra língua, no caso de sociedades plurilíngues. Como todo preconceito, o linguístico é a manifestação, de fato, de um preconceito social, porque o que está em jogo não é a língua que a pessoa fala, mas a própria pessoa como ser social. Uma vez que a língua é parte fundamental da identidade de um indivíduo e de um grupo social, rejeitar a língua é rejeitar a própria pessoa e a comunidade de que ela faz parte.

Nesse sentido, preconceito linguístico é uma manifestação de preconceito social, decorrente de uma compreensão sobre a linguagem inadequada e limitada, conforme explicamos anteriormente.

2.2. Preconceito linguístico

É sabido que em nosso país há apenas uma língua oficial em todo seu território, havendo o que os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) chamam de *mescla linguística*, fenômeno que se define pela presença de diferentes variedades relacionadas normalmente à valores sociais.

Terra (2021) aponta que a língua é uma instituição social espelhada pela sociedade, logo se a sociedade é heterogênea, composta por diversos povos de etnias e culturas diferentes, a língua também é, portanto, é correto considerar a variação como característica inerente à língua, resultante do real uso linguístico.

A partir da concepção de linguagem como *processo de interação* (NEDER, 1993; GERALDI, 1995; SANTOS, 2017), *certo* e *errado* na língua são considerações que devem levar em conta muito mais fatores intralinguísticos, precisamente de morfologia e sintaxe, do que extralinguísticos. Nesse pensamento, poderíamos dizer que “meninas as bonitas são” é uma construção linguística errada, contudo “as menina é bonita”, não. Isso porque, na primeira, há uma ruptura gramatical na ordem sintática da língua portuguesa; já, na segunda, o problema está no não seguimento de preceitos da gramática normativa. Na verdade, no segundo caso, estamos diante de uma variedade linguística de não prestígio, que, a depender da situação comunicativa em que ocorra, poderá ser considerada adequada ou inadequada.

Destarte, o que se considera como *erro* no uso da língua, na verdade, é um desvio *da norma*. A depender da concepção de língua não existe erro na língua falada, mas apenas determinados grupos sociais ditando o que consideram adequado ou inadequado de acordo com sua realidade e atividade linguístico, por isso é comum vermos a valorização social de alguns elementos presentes no vocabulário de pessoas de determinadas classes. É interessante frisar

que a noção de erro, na língua, não é tão consensual entre estudiosos e especialistas. Contudo, conforme Moura e Carlos (2021, p. 8),

[...] consideramos que erros só existem quando a comunicação não se efetiva, ou seja, quando os interlocutores usam formas não pertencentes a nenhuma variedade da língua, isto é, quando usam formas agramaticais, comprometendo, desse modo, o entendimento da situação comunicativa.

Segundo Bagno (2013) em se tratando da língua portuguesa, na variedade brasileira, existem mais de 200 variedades linguísticas faladas em nosso território. Sendo assim, é comum que existam diferenças e variações nos modos de falar dos brasileiros. Todavia, geralmente tais diferenças e variações são, por muitas pessoas, tomados como erros, quando, na verdade, não o são.

Ademais, ainda conforme Bagno (2013) não há como um nativo não falar corretamente sua própria língua, visto que por volta dos três anos já se domina a língua materna. É fato também que, cientificamente, para a terceira concepção de língua, que a enxerga como processo de interação verbal, não existe erro de português, existem apenas diferentes manifestações da língua, pois toda e qualquer língua segue um fluxo natural, é viva, dinâmica e varia todo o tempo. Como já exposto, podemos analisar que o famoso erro de português se constitui de deslizos gramaticais baseados em uma variante de escrita, porém é importante destacar que, segundo Bagno (2013), saber prescrições gramaticais normativas e ortografia não têm ligação com o "saber a língua", são saberes diferentes, visto que pode haver confusão na externalização do pensamento, não significando que um sujeito não sabe falar, apenas que a comunicação não ocorreu de forma compreensível.

Diante disso, ainda tendo Bagno (2013) como fonte, é válido apontar que o preconceito linguístico surge da confusão entre a língua falada e a gramática normativa, sendo a norma padrão extremamente artificial, não correspondendo ao uso real da língua.

Scherre (2005) traz reflexões interessantes acerca do preconceito linguístico com pessoas que estão expostas na mídia impressa. Ela nos leva a pensar sobre o porquê de pessoas que estão em posição de maior visibilidade são diariamente cobradas a falarem a variedade culta da língua portuguesa, apenas por estarem em posição de "representação" de algo, no caso por ela analisado, o então presidente, Fernando Henrique Cardoso.

Em virtude disso e com o passar do tempo, acabou se tornando “esperado” que as pessoas que ganham visibilidade na mídia sigam determinado padrão, isto é, falem de acordo com a norma padrão, mesmo havendo hoje em dia o conhecimento de que a língua não é uma e

questões de certo e errado nela são conceitos meramente sociais, posto que objetivo da língua é comunicação.

Mais uma vez se torna necessário lembrar que todo falante nativo de uma língua já a sabe, aprendendo-a nos primeiros anos de vida. De fato, o que se pode perceber é que, apesar de não ser mais uma abordagem incentivada por documentos e orientações oficiais, as aulas de português ainda se focam em questões de escrita e produção textual baseadas na norma-padrão e ortografia, excluindo um de seus aspectos importantes: foco nas variações de cada grupo social, dando, desse modo, suporte ao preconceito linguístico dentro e fora do ambiente escolar. Segundo Bagno (2007), seria necessária a transformação desses saberes linguísticos adquiridos naturalmente no dia a dia em saber formalizado através de conceitos e teorias, aprendendo que as variedades podem sofrer julgamentos.

A língua não é somente um meio de comunicação, como muitos acreditam, é, também, lugar e meio de conflito. Em nossa sociedade, conflituosa, ela é tida como “[...] instrumento de controle social, de manutenção ou ruptura dos vínculos sociais [...], de humilhação, inclusão ou exclusão” (BAGNO, 2007, p. 83). Para tanto, é desejada uma reeducação sociolinguística (BAGNO, 2007), para não focar exclusivamente o ensino da norma-padrão, mas fazer com que os alunos tenham conhecimento de língua suficiente para saber da diversidade linguística, tendo noção de que sua língua e seu modo de se expressar são funcionais e válidos e, assim, diminuir o preconceito linguístico.

Com base no que foi exposto, chegamos à conclusão de que o ensino da língua, cujo foco é exclusivamente a norma-padrão, segrega. Nessa perspectiva, a escola não bane apenas as variedades da língua, bane, também, as pessoas que não a falam ou desconhecem a norma-padrão, contribuindo diretamente para a desigualdade, já que as pessoas de classe, geralmente, menos prestigiadas são, muitas vezes, alvo de *bullying* e preconceito na sala de aula - algumas vezes, até pelos professores -, fazendo com que o aluno venha a desistir por não se sentir parte daquele ambiente. Isso se dá, principalmente, pela veneração da gramática normativa, que é um compêndio de regras da língua de prestígio cuja função é uniformizar a escrita e fala em determinados contextos. Destacamos que ela deve ser ensinada na escola, mas com a ênfase na não obrigatoriedade de falá-la diariamente em suas interações e, sempre, de acordo com cada situação e atividade verbal.

2.3. Representação da profissão docente

Teixeira (2007, p. 434) considera que “a docência é algo da ordem da delicadeza, tanto quanto é ela da ordem do humano, do político e do cuidar”. Essa definição amplia nossos horizontes acerca deste debate, afinal, o que é docência? Quem pode exercer essa profissão? Assim, Schuchter e Lomba (2022) iniciam essa discussão se baseando na etimologia da palavra, que significa “ensinar, instruir, indicar” (VEIGA, 2006 *apud* SCHUCHTER; LOMBA, 2022, p. 4). Nesse sentido, a docência seria o ato de ensinar, instruir e indicar.

A esse respeito, Nóvoa (1999 *apud* SCHUCHTER; LOMBA, 2022) traz que o exercício docente teve seu marco inicial, no Brasil, no período jesuítico, quando a educação era de responsabilidade majoritariamente de religiosos.

Já no que tange a presença feminina, Aragão (2013) aborda essa questão enfatizando a herança dos colonizadores, no qual as mulheres portuguesas, “antes mesmo de nascer, já tinha[m] espaço e função delimitados. Estava[m] destinada[s] ao lar, marido e filhos [...]” (ARAGÃO, 2013, p. 2). Essa foi a representação de mulher que nos foi trazida pelos portugueses, que, inconscientemente ou não, formou uma geração de mulheres analfabetas e submissas ao marido e filhos, pois, se essa era sua função na vida, não havia a necessidade de estudar (ARAGÃO, 2013).

Isso durou por mais de três séculos. Contudo, com o Iluminismo, movimento surgido na Europa no século XVIII, que, por diminuir a concentração de religiosos responsáveis pelo ensino, oportunizou, com muita dificuldade - já que a função da mulher era ser ‘dona do lar’-, a entrada desse público na educação.

Voltando para o contexto brasileiro, a inserção da mulher no meio docente se deu somente no século XIX. Costa e Barbosa (2006) afirmam que as primeiras vagas destinadas às mulheres nessa profissão se deram após a criação das primeiras escolas primárias, com a Lei 15 de outubro de 1827, que instituiu estas escolas e permitiu, nessas instituições, a presença de meninas. Nesse período, como as salas eram agrupadas por sexo, homens eram professores de meninos e, com o ingresso de meninas, eram necessárias mulheres para lhes dar aulas.

Cabe destacar que, a consolidação da mulher como docente só se deu devido ao modernismo trazido pelo iluminismo, que possibilitou, entre outras funções, o trabalho masculino em fábricas, cuja remuneração era superior. Além disso, o machismo em uma de suas formas mais explícitas, considerava as mulheres como seres frágeis e de pouco conhecimento, não sendo ‘boas o suficiente’ para exercer a função de educar crianças (ARAGÃO, 2013). De tal modo, surge, por volta do século XIX, uma discussão composta por

dois argumentos: mulheres são menos desenvolvidas que os homens, logo, não podem ocupar tal função; *versus* a mulher, naturalmente, tem o dom da docência, por ser ‘extensão’ do serviço doméstico prestado para com seus filhos, sendo assim, a figura mais indicada para o cargo (ALMEIDA, 1988 *apud* COSTA, BARBOSA, 2006).

Com isso, percebemos que, desde o século XX (COSTA; BARBOSA, 2006; ARAGÃO, 2013), período em que finalmente, as mulheres brasileiras puderam lecionar, como segunda atividade, sendo a primeira, ainda, o cuidar do lar e da família, a docência assumiu certa desvalorização, pois essa era uma das poucas profissões que podiam ocupar fora do ambiente doméstico, já que possuíam ‘baixo intelecto’ e não seria necessário, assim, destiná-las um bom salário.

Em certo sentido, uma parte da representação docente é tida como pouco atrativa e mal remunerada por ser tido, hoje em dia, como algo majoritariamente feminino, sendo assim, fruto da visão machista historicamente presente, até hoje, não tão explicitamente, em nossa sociedade.

Seguindo a linha de pensamento de Lima *et al.* (2020), que aponta a presença de um discurso de que a educação é importante, mas não é visível a preocupação com a manutenção destes profissionais:

[...] No Brasil, pode ser visto um paradoxo intrigante que carece de explicação definitiva. Ao mesmo tempo que a profissão de professor perde prestígio social, o índice de confiança de os professores contribuírem fortemente na boa educação dos alunos aparece no topo do ranking de pesquisa envolvendo a comunidade internacional (LIMA *et al.*, 2020, p. 96).

Desse modo, é possível questionar sobre qual o lado bom em ser docente, qual o atrativo da carreira? Existe, no Brasil, algo socioeconomicamente positivo, nisso tudo?

Pensando em outros aspectos ainda relacionados a esta profissão, Louzano (2010) considera que internacionalmente fatores atrativos quanto a carreira docente estão relacionados a: flexibilidade, férias, altruísmo e baixas taxas de desemprego. Entretanto, do ponto de vista, nacional, essas vantagens parecem não ser atrativas quando pomos numa balança os aspectos positivos e negativos da profissão no âmbito socioeconômico. Apesar de ter um recesso, além das férias escolares, e a pretensa ideia de escolha de turnos de trabalho, a baixa remuneração e o *status* social, atual, dessa carreira, não são suficientes para atrair inicialmente pessoas para a docência enquanto profissão. Um dos maiores atrativos da profissão parece ser a sensação de estabilidade, para os que conseguem se efetivar no setor público, através de concursos, ou pela procura por estes profissionais durante todo o ano por instituições privadas.

Atualmente, a docência começa a ser desvalorizada ainda dentro das escolas, quando apenas 2% dos vestibulandos decidem seguir carreira docente (SANTOS, 2015). Essa desvalorização costuma ser econômica, social e psicológica quando professores são algumas vezes obrigados a seguir outra profissão para sustentar sua casa, além do desprestígio social, a apatia e perda de identidade profissional, influenciando na qualidade do ensino, perdendo a essência da docência.

Posto isso, para o senso comum, a docência é a profissão das profissões, a base para as demais. Profissionalmente, é um trabalho especializado, que exige graduação e formações continuadas para o aperfeiçoamento da prática, mas que, socialmente, ainda não possui o *status* equivalente a outras profissões com o mesmo nível de exigência.

Fazendo um breve percurso pela história da profissão docente no Brasil, podemos perceber que a educação no Brasil começa com a colonização dos povos indígenas, passando, posteriormente, para a educação elitizada e, por fim, uma democratização, que visava alimentar os interesses capitalistas, se mantendo, assim, até os dias atuais. Além disso, a imagem do docente mudou bastante com o passar dos anos, mas o que eventualmente pode ter contribuído para a construção da representação que temos dos professores hoje, como explicado anteriormente, é a imagem materna, de cuidado, zelo, proteção e paciência, ou seja, espera-se que os professores sejam exemplo para a sociedade e, com isso, surge a cobrança para falarmos apenas a variante padrão da língua que está posta na gramática.

Dado o exposto, podemos considerar que o professor não tem de seguir certos padrões linguísticos, mais formais, em todas as situações em que se encontra. No exercício da profissão, isto é, em uma aula ou no contexto de suas atividades escolares, é necessária uma adequação no modo de falar, empregando uma variação apropriada à situação comunicativa, para mostrar aos alunos que a língua possui variações, sendo todas aceitas a depender da situação. Logo, professores, assim como os demais profissionais podem falar gírias, expressões regionais e até mesmo palavrões, dependendo do contexto em que se encontram.

Consoante Nery (2014), nossas identidades são formadas através das relações de interação social, logo a representação do profissional docente seria fluida, havendo várias possibilidades de identidades a depender do ambiente que o docente está inserido. Além disso, por estar sempre em processo de construção, o julgamento do outro sobre nós também interfere nisso. Por este fato, é comum observarmos que atualmente os profissionais, de forma geral, vêm cuidando mais de suas redes sociais, criando perfil profissional e restringindo acesso à conta pessoal, de modo a tentar manter em sigilo sua essência como ser social.

Percebemos, portanto, que essa prática não comum até então, se intensificou nos últimos anos, devido à cobrança de ser profissional o tempo todo e em todos os ambientes, mesmo os que não condizem com a área de atuação destes citados. É o que acontece justamente com os professores retratados em *Hollywood*. Leite et al. (2010), evidenciam isso ao falar que, no cinema *hollywoodiano*, a imagem projetada do docente é a do professor “descolado”, que é amigo de seus alunos, dando espaço para criar amizade com cada um, como se sua vida profissional e pessoal fossem uma só, não havendo distinção entre trabalho e vida íntima e pessoal.

Outro aspecto importante que podemos observar é a estereotipação do profissional docente, sendo nocivo no que tange a quebra de expectativas ao se deparar com um professor em seu dia a dia, fora do ambiente de trabalho. Historicamente, havia a imagem social e cultural de que o docente era uma profissão respeitável, cheio de sabedoria. No entanto, com o passar do tempo esse estereótipo também mudou, o professor não é mais visto como um ser supremo de sabedoria, mas como alguém digno de pena, ou que não teve opções de escolha, sendo quase sempre pobre e triste, desapontado com a própria profissão, alguém que está sempre repleto de trabalhos para corrigir ou com materiais lúdicos e jogos para preparar.

A representação atual do professor é de alguém que precisa ser perfeito, mas que socioeconomicamente é pouco valorizado e repleto de atividades para conseguir sobreviver, principalmente, financeiramente. Surge disso a necessidade de um segundo emprego, e por este ser difícil de se conseguir na atual conjuntura do país, muitos acabam tentando empreender, sendo comum hodiernamente ver profissionais de diversas áreas trabalhando com doces, estética e revenda de roupas e acessórios. Não obstante, há os que migram de área em busca de maior reconhecimento salarial e social.

2.4. O Programa Televisivo Big Brother Brasil

Conforme Weschenfelder (2022), assistir programas de entretenimento, quando vinculados a redes sociais, acaba por se tornar uma experiência interativa devido aos avanços tecnológicos. A autora traz aspectos importantes sobre a evolução do programa *Big Brother Brasil* (BBB), no aspecto tecnológico, sendo um exemplo a forma de votação para manter os participantes dentro da casa, que, até a 18ª edição, era feita através de ligação, SMS e via *site* do *gshow*. A partir desta edição, as votações passaram a ser realizadas através do *site* e do aplicativo disponibilizados pela Globo.

Segundo a mesma autora, há um ciclo intencionalmente estabelecido pela Globo de engajamento digital a esse programa composto por: exposição do BBB na televisão, discussões na esfera digital e volta à televisão nos demais programas da emissora que são apresentados diariamente, como o *Mais Você* e *Encontro*, sendo mais um espaço de interação com o público para abordar questões relativas ao programa. Dessa forma, como propõe Weschenfelder (2022), os comentários mais relevantes nas redes acabam por se tornar pauta social.

Dessa forma, é possível compreender que, atualmente, com o avançar da tecnologia e compartilhamento de informação nas redes, os internautas conseguem acompanhar o que acontece no programa sem necessariamente assisti-lo ao vivo, como disse o *brother* Gustavo, durante um episódio da edição 22:

[...] anteriormente as pessoas dependiam exclusivamente da edição, ou do pay-per-view, e hoje as redes sociais apresentam a descrição do que acontece dentro da casa minuto a minuto, tanto através de postagens feitas por usuários comuns, como pelos perfis que comentam especificamente reality show (WESCHENFELDER, 2022, p. 4).

Isso evidencia o que já foi exposto anteriormente: atualmente a mídia, representada pelas redes sociais, principalmente, digitais possuem grande poder de influência sobre os acontecimentos expostos em programas televisivos, principalmente o BBB, cuja característica principal é sua exibição durante 24h.

Campanella (2008, p. 6) traz que, de acordo com Manga, um blogueiro - criador do TeleBlog², “[...] pioneiro da comunidade *online* de fãs do *Big Brother Brasil*, os primeiros blogs de discussão foram criados em 2003, não somente para debater as ações dos participantes do programa, mas também a forma como a Rede Globo realizava as edições para o resumo diário na televisão aberta”.

Dito isso, podemos ver a dimensão do programa, crescente a cada edição, e constatar que, antes mesmo da evolução das redes sociais, já havia espaço para discussão das pautas apresentadas no *reality*. De tal forma, evidenciamos a intenção da Rede Globo em engajar seus programas através da mídia, valendo-se, até mesmo, dos próprios programas de sua grade diária.

Hodiernamente, o espaço de discussões foi ampliado, sendo o X palco de debate entre o público do programa, estudiosos das temáticas integradas à algumas pautas e *haters* de alguns participantes. Apesar de seu formato digital, as argumentações sobre as pautas levantadas possuem relevância devido a quantidade de visualizações, curtidas e compartilhamentos de suas

² Disponível em: <https://manga-teleblog.blogspot.com/>

postagens, ultrapassando, dessa forma, o espaço digital, e, sendo, algumas vezes, tema conhecido por pessoas que não acompanham o programa.

O Programa *Big Brother* foi criado pelo produtor John de Mol e transmitido, pela primeira vez, na Holanda no ano de 1999. No ano seguinte, foi exportado para mais 19 países, tais como, Alemanha, Espanha, Inglaterra, entre outros. O programa chegou ao Brasil no ano de 2002, quando foram realizadas duas edições no mesmo ano, e, desde então, passou a ter uma edição por ano.

Na versão brasileira, o *reality* é caracterizado como jogo de sobrevivência, pois os participantes competem em provas de resistência e inteligência por premiações. Aproximadamente 20 pessoas são selecionadas para viver a experiência de estar na “casa mais vigiada do Brasil” com a chance de vencer, saindo, o vencedor, com um prêmio milionário. O programa tem início todo mês de janeiro, desde 2002, sendo transmitido pela Rede Globo.

Neste *reality* toda a rotina dos participantes do jogo é televisionada, fazendo do cotidiano um espetáculo. A primeira impressão que o público tem dos jogadores é durante a chamada de sua apresentação, em formato de vídeo, antes do programa iniciar, quando a audiência já começa a definir torcida. Porém, no desenvolver do jogo, muitas expectativas são quebradas, ao perceber que na chamada, ensaiada, o participante expõe apenas o que acredita agradar à torcida.

É válido destacar, porém, que se trata de uma hiper-valorização do real (POLYDORO, 2011), e que todos os participantes, por serem seres humanos, são passíveis de erros, pois são pessoas reais que estão vivendo as experiências propostas pelo programa, reagindo quase sempre de maneira espontânea. Por isso, é comum que existam críticas a falas e comportamentos dos *brothers*. Todavia, espera-se que estes comentários não deem margem a intolerância e preconceito.

3. METODOLOGIA

Este trabalho se utiliza das técnicas metodológicas de pesquisa qualitativa, que, segundo Cardano (2017), se caracteriza pelo aprofundamento de seu estudo, exigindo maior domínio sobre o objeto a ser pesquisado, e pela maior delimitação do tema, resultando em uma pesquisa mais direcionada e singular. Assim sendo, Flick (2004) aponta como aspectos fundamentais deste tipo de pesquisa a reflexão do autor e variedade de métodos na forma de abordar o objeto de pesquisa. Relativo à reflexão, nesse modelo, o pesquisador vai além do foco teórico, buscando pensar questões mais intrínsecas e subjetivas, propondo, em seu estudo, a reflexão sobre determinada questão. E quanto à variedade de métodos, Flick a traz como prática que contém várias abordagens, não se baseando em um único conceito ou teoria.

Para tanto, sobre o tipo de abordagem escolhida, Flick considera que:

"A pesquisa qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais [...]" (FLICK, 2004, p. 28).

Dessa forma, este trabalho de pesquisa pode ser considerado qualitativo devido a seu caráter subjetivo e reflexivo, cujo intuito é o de analisar comentários dos fãs do *reality show Big Brother Brasil*, edição 23, acerca de falas e de alguns vídeos que reverberaram na rede social *X* e geraram repercussão sobre a participante Larissa Santos, que tem formação em educação física e, antes do programa, atuava como professora de crianças.

A fim de especificar as opções metodológicas adotadas neste trabalho, reapresentamos os objetivos estabelecidos. Esta pesquisa tem como: **objetivo geral** compreender a relação entre a representação docente e o preconceito linguístico construída na rede social *X* a partir das falas da participante Larissa Santos na 23ª edição do programa; **objetivos específicos** apresentar conceitos de língua, variação e preconceito linguístico, descrever a imagem social do docente no Brasil atual e analisar a relação entre língua e construção social da representação docente a partir destes discursos e a análise do preconceito linguístico contra os professores na rede acima mencionada.

Para alcançar tais objetivos, valemo-nos da pesquisa etnográfica, no entanto, contrário ao sentido de pesquisa antropológica, o tipo de metodologia etnográfica utilizada nesta monografia se refere à *etnografia digital*. Tomando Ferraz (2019) como suporte, vemos que esta é uma perspectiva que inclui a condição da sociedade atual, mediada por tecnologia,

trazendo, neste segmento de pesquisa, um enfoque para importantes questões sociais que surgem no meio digital.

Flick (2004) a reforça como a "investigação detalhada de um pequeno número de casos, talvez, de apenas um caso" (FLICK, 2004, p. 159). De tal modo, Gil (2002) considera que há certa proximidade entre pesquisa etnográfica e estudo de campo digital, pois para ele, este se caracteriza pelo estudo aprofundado em um determinado aspecto, tendo como propósito a explicação e formulação de hipóteses sobre determinado fenômeno e a descrição complexa e única do tema de estudo. Para isso, trata a pesquisa de campo como o estudo que objetiva a observação mais aprofundada de um grupo social, focando em suas interações. Logo, essa pesquisa resulta em uma observação direta do contexto, da pessoa ou de um grupo social analisado pelo pesquisador.

Nesse sentido, este trabalho configura-se como pesquisa etnográfica (LIMA *et al.*, 1996; FLICK, 2004) ou pesquisa de campo (GIL, 2002), já que visa um olhar mais especializado acerca dos comentários sobre a imagem que os internautas do programa televisivo BBB possuem sobre a variação linguística que os docentes deveriam falar.

Assim sendo, no desenvolver do projeto iremos analisar comentários de internautas que acompanharam a essa edição do programa BBB na rede social X, acerca de algumas falas da participante Larissa Santos, com a finalidade de tentar compreender como a representação da profissão docente se articula ao preconceito linguístico, além de buscar entender qual conceito de língua está sendo empregado por este mesmo público em manifestações que associam variação linguística e docência.

Metodologicamente a análise partirá do estudo de alguns vídeos da participante que se tornaram pauta de discussão sobre preconceito e variação linguística, e também de *prints* de internautas criticando a *sister* por seu modo de falar.

Conforme Myers (2008), em uma análise de conversação se busca estudar a configuração da interação, observando como os participantes da conversa estão se organizando, não importando, assim, as características do grupo referido, tais como classe social e identidades. Para tanto, o autor define como tópicos essenciais dessa análise: planejamento, registro, transcrição, atribuições, análise e relatório. Sendo, respectivamente, o planejamento, o ato de organizar as etapas da análise, definindo quais objetos serão estudados e de que forma; o registro, neste caso, se refere à gravação das falas; a transcrição, envolve, entre outros fatores, a sonoridade e o ritmo de fala; a atribuição é o processo de identificar o que cada participante falou durante a pesquisa; e, por fim, a análise e o relatório, são, de modo geral, as etapas que

consistem em analisar e relatar o que foi apurado dentro do estudo. É importante, nesta fase, atentar para a quantidade de informações que está sendo posta, pois pode ficar cansativo e sem sentido para o leitor.

Ainda tendo Myers (2008) como referência, podemos listar como aspectos importantes para se considerar em análises de conversação a sequência e preferência. Sobre elas, o autor explica que ao analisar, no caso deste trabalho, as falas da participante Larissa, em algumas interações no BBB, devemos seguir uma ordem dos falantes, relacionando a primeira pessoa a ser transcrita com a segunda e, assim, sucessivamente, elaborando uma sequência verbal com o intuito de dar mais concordância ao texto e organizá-lo melhor, além da criação de tópicos, de modo a estruturar qual tema será abordado no momento. Nas transcrições dos áudios, utilizaremos [[]] quando houver fala simultânea e [] quando houver algum comentário da transcritora.

Desse modo, a análise de vídeos e imagens se dará através da transcrição das falas neles presente. O foco será unicamente no texto das falas de Larissa e dos *brothers*. Além disso, quando houver análise de comentários, serão analisadas as produções verbais dos internautas do X. Metodologicamente, os primeiros materiais a serem analisados serão os vídeos, resgatados na rede social X, em que a *sister* é protagonista na situação de interação. Como já mencionado, esses vídeos foram escolhidos pois se tornaram pauta social. Em seguida, analisamos os *prints*, também do X, com comentários acerca da variação linguística falada pela participante. Todos os materiais analisados terão suas fontes indicadas previamente.

Dessa forma, dentro da análise de conversação será feita também uma análise de conteúdo, que de acordo com Oliveira et al (2003) é um conjunto de técnicas que procura extrair os principais elementos de um determinado texto e busca oferecer informações úteis sobre tal pesquisa, fornecendo novas significações além do que poderia ser visto em uma breve análise, caracterizando-se por um estudo mais aprofundado. Para tal, foram encontradas as categorias: *variação linguística*, *concepções de linguagem*, *preconceito linguístico* e *representação da profissão docente*.

Quadro 1. Categorias e explicações

Categoria	Explicação
Variação linguística	Manifestações da língua que abrange sua heterogeneidade; é inerente à língua.

Concepções de linguagem	1. Linguagem como expressão de pensamento: caracteriza-se pela externalização do pensamento e tem a escrita como base para a fala; 2. Linguagem como instrumento de comunicação: considera cada fala como única, havendo, assim, aspectos idênticos entre elas, formando um sistema linguístico; 3. Linguagem como processo de interação verbal: compreende a linguagem como ato de interação, na qual há a adequação em relação às atividades sociais que dependem de um contexto.
Preconceito linguístico	Discriminação por falta de conhecimento sobre variação linguística e determinação do valor social da variação de prestígio.
Representação da profissão docente	Estereótipo do professor como alguém exemplar, que não cometeria erros e sempre teria postura profissional.

Fonte: Elaborado pela autora.

Essas categorias serão aplicadas no material analisado, conforme explicações apresentadas acima. Porém, não obrigatoriamente, elas ocorrerão conjuntamente nas análises. As categorias serão mobilizadas e aplicadas conforme os conteúdos dos dados examinados.

4. ANÁLISE

Neste capítulo serão expostas as situações que aconteceram no programa BBB23 e se tornaram motivo de comentários pejorativos acerca da participante Larissa. Na sequência desses comentários, apresentamos nossas análises, na tentativa de entender o que os internautas da rede social X pensam a respeito da relação entre língua, variação linguística e docência. Essas análises serão fundamentadas a partir das categorias anteriormente elencadas - no capítulo, 3. *Metodologia* - e dos princípios teóricos discutidos inicialmente nesta monografia.

4.1. Adedonha

No recorte a seguir, do dia 25 de janeiro de 2023, retirado do *site* do *Gshow*, os participantes - da esquerda para a direita - Bruna Griphao e Tina, em pé, Larissa, sentada, Sarah Aline e Gabriel Santana, agachados, Paula, sentada, Marvvila, em pé, Aline Wirley, Ricardo e Fred Bruno, sentados, estão brincando de um jogo popularmente conhecido como “adedonha, adedanha ou *stop*”, que consiste em um jogador falar uma letra e uma categoria, e os demais deverão falar algo que contemple. Na jogada retratada, a *sister* Bruna fala as letras “R, E, M”, e os jogadores falam, em coro, “remo”, apenas Larissa fala “handebol”, causando estranhamento nos *brothers* pelo fato da palavra, de origem estrangeira, se escrever “*handball*” ou handebol, em português, mas que possui, quando falada, som inicial semelhante ao representado na escrita pela sequência alfabética “R, E, M”, gerando riso na maioria dos participantes da brincadeira.



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/11308813/?s=0s> (GLOBO, 2023a)

Transcrição- 01:

Bruna: [inaudível] R, E, M

Marvvila: é um esporte

Todos: [[um, dois, três ... remo]]

Larissa: handebol!

Paula: handebol?

Todos: não, não, não... [[**Paula:** acabou a brincadeira]] [[**Bruna Griphao:** quem falou handebol?]] [[**Paula:** esporte handebol]]

Ricardo: não tem nem a primeira letra, nem a segunda letra, nem a terceira letra, é “h”, “a”, “n”

[todos riem]

[inaudível]

Na situação descrita os brothers tomam a escrita como base para a modalidade da língua falada. Embora Larissa tenha se equivocado com relação à citação do esporte com iniciais formadas pelo conjunto de letras ‘REM’, ela, no fundo, não está, de todo, errada, pois o som inicial da palavra ‘handebol’, na variedade portuguesa brasileira, é representado pela sequência escrita -REM, ou seja, pelas letras solicitadas.

No vídeo, nenhum dos participantes percebe essa associação. Simplesmente tomam a escrita como base para a oralidade, julgando a resposta dada como errada, inclusive com certo

deboche, indicando que a *sister* teria se superado negativamente. Isso nos mostra, mais uma vez, que a primeira concepção de linguagem ainda é muito forte nos dias atuais, conduzindo, assim, à consideração de que a linguagem e o intelecto se formam internamente, na mente, e exteriorizado quando o indivíduo fala. Por isso, nessa concepção, a pessoa é classificada, muitas vezes, pela sua forma de falar, ou seja, pela variante linguística que emprega (NEDER, 1993; SANTOS, 2017). Além disso, vemos, cena retratada, que essa compreensão linguística, por estar associada à mente, conduz, também, inadvertidamente, à rotulação da pessoa como alguém inteligente ou não (BAGNO, 2013; NEDER, 1993)

É perceptível que em nossa sociedade ainda há muitas pessoas que tomam a língua escrita como espelho para a fala. Isso perpetua a falsa ideia de que a língua é una, dificultando, assim, a compreensão do fenômeno da variação linguística (BAGNO, 2013). Ao não se considerar a língua como um feixe de variedade e ao tomar a escrita como modelo para a fala, percebemos, novamente, a força da primeira concepção de linguagem, *expressão do pensamento*, em nossa sociedade. Logo, nessa concepção, se alguém fala errado é porque, antes, pensou errado, ou seja, elaborou de forma equivocada o que externou oralmente em sua mente (BAGNO, 2013; NEDER, 1993, SANTOS, 2017). Por isso, a nosso ver, compreendemos que os participantes ao dizerem ‘acabou a brincadeira’, ‘não, não, não’, e ‘não tem nem a primeira letra, nem a segunda letra, nem a terceira letra’, reforçam a noção de que Larissa não conhece a escrita e, conseqüentemente, a língua portuguesa, e, também, não seria, de certa forma, inteligente, o que indicaria que não dava para continuar a brincadeira, devido a seu equívoco.

4.2. *Truce e Sube*

A cena que será retratada, abaixo, ocorreu no dia 04 de abril de 2023, durante o jogo da discórdia, quadro dentro do programa, que ocorre um dia antes da eliminação. A *sister* Sarah convida Larissa para participar da dinâmica, que consiste em chamar um *brother*, citar seu pior defeito e dar, também, uma espécie de castigo - sendo o escolhido por Sarah, a bomba de tinta. O vídeo utilizado, retirado do *site* do *Gshow*, possui duração de 3min e 31s, mas será analisado apenas o recorte entre 2min 32s e 2min 55s, em que Larissa emprega a forma lexical ‘truce’.



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/11504760/> (GLOBO, 2023b)

Transcrição - 02:

Larissa: Sarinha, realmente eu tenho muito defeito, foi por isso que eu saí do programa, né? Eu acho que todo mundo aqui teve muito defeito. Quando você diz que eu *truce* talvez algo a mais pro meu quarto, não, eu não *truce*. O Brasil tá de prova disso. Eu fiquei apenas três dias lá fora tendo informações, o resto eu tava confinada. Então tudo que eu vi lá fora eu *truce* pra vocês. Então eu fui muito clara e pode ser, por isso, que eu saia amanhã.

Outra situação, relacionada ao uso de ‘truce’, que repercutiu nas redes, gerando memes, foi quando a *sister* Larissa falou sobre a roupa que usaria na final, caso fosse finalista. Este recorte foi encontrado no canal de Júlio Eduardo, no *Youtube*, e possui 10 segundos de duração, mas a transcrição será dos primeiros quatro segundos, quando, mais uma vez, a jogadora faz o uso da forma ‘truce’.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=q6fuxEfXKt4> (JÚLIO EDUARDO, 2023)

Transcrição - 03:

Larissa: Eu pensei agora, porque eu *truce* um vestido pra final, mas eu não *truce* um sapato pra usar com esse vestido.

Por fim, a última situação selecionada, ainda dentro dessa temática, é um recorte de 1min e 11s, do dia 31 de janeiro de 2023, quando os *brothers* estavam na sala e a *sister* Paula fala com Larissa sobre seu sapato. Em seguida, Larissa comenta que trouxe dois sapatos brancos e é corrigida por Fred Bruno. Na imagem aparecem os *brothers*, da esquerda para direita: Larissa, Fred Bruno e Bruna Griphao.



Transcrição- 04:

Larissa: Eu truce dois branco. Eu truce esse daí, e, guria! eu procurei, ontem, procurei, procurei...

Ao fundo, outros jogadores: [inaudível]

Fred Bruno: Se eu falar um negócio aqui [inaudível], você não me leva a mal?

Larissa: De jeito nenhum

Ao fundo, outros jogadores: [inaudível]

Fred Bruno: É que se fala ‘truxe’.

Larissa: É o quê?

Fred Bruno: Trouxe, truce.

Larissa: Cara, eu falo muita coisa errada...

Fred Bruno: Não, não, por isso eu te perguntei, entendeu? porque tipo, se você quiser que eu dê um toque ou outro.

Bruna Griphao: Eu ouvi ‘truce’ também.

Larissa: Como?

Bruna Griphao: ‘Truce’, também

Larissa: É, mas eu falo ‘truce’ mesmo.

Fred Bruno: Eu sei, mas eu ‘tô’ ... [inaudível]

[[**Bruna Griphao:** Tudo bem]]

Bruna Griphao: É, é geral

Larissa: [inaudível] Eu falo [inaudível], eu não falo ‘de pé’.

Como, no nosso entender, o mesmo princípio linguístico de ‘truce’ explica também a forma lexical ‘sube’, empregada por Larissa, consideramos oportuno analisá-las conjuntamente. Por isso, apresentaremos uma situação de emprego da forma ‘sube’ e, depois, analisá-las-emos conjuntamente.



Fonte: <https://twitter.com/botofenessesom/status/1617735551733608448/video/1> (X, 2023)

A cena acima, mostra o jogo da discórdia do dia 23 de janeiro de 2023, que consistia em dizer qual jogador o participante queria que estivesse com ele na final e duas outras pessoas para quem ele daria uma bomba. Na cena transcrita, Larissa escolhe Bruna Griphao para sua final e dá a bomba aos participantes Gustavo e Key Alves. O recorte foi retirado da rede X e possui 13 segundos de duração.

Transcrição- 05

Larissa: ... por aproximação, só que o que eu tenho pra falar são coisas que eu *sube* no decorrer do jogo, querendo ou não, as pessoas falam. Eu não escutei, mas eu achei inconveniente, incoerente, na verdade...

Nos trechos anteriormente transcritos, 02, 03, 04 e 05, percebemos que Larissa utiliza uma variante linguística distinta dos demais participantes da casa. Sendo assim, em várias ocasiões, ela emprega as formas ‘truce’ e ‘sube’, de maneira espontânea e sem considerar que está se valendo de uma variante diferente dos outros jogadores.

Nesse sentido, Possenti (1996) vem reforçar o que já vem sendo dito nesta pesquisa: brasileiro sabe falar português. Acontece que, algumas pessoas não possuem uma condição socioeconômica que lhes permitiu dar continuidade nos estudos, não tendo a chance de aprender a variante de alto prestígio, porém, falam a variante sua comunidade, no qual todos se entendem, então mais uma vez, quebra o argumento de que Larissa não sabe falar português. Para sintetizar, a mencionada *sister* sabe falar português, o português falado onde em sua cidade natal, e por estas palavras serem parte de sua variante linguística, não se trata de um erro para ela.

Todavia, para a concepção de linguagem como expressão do pensamento, a forma ‘truce’ e ‘sube’ é considerada como um erro, pois não é aceita pela gramática normativa. Vale

lembrar que essa concepção não é uma visão científica da língua. Ou seja, não corresponde, de fato, ao uso e à constituição da língua socialmente empregada. Trata-se mais de prescrições do que de fato de explicações sobre o uso linguístico, em si. Logo, nessa perspectiva, essas formas demonstrariam desconhecimento do uso modelar da língua, quando, na verdade, como já explicado, seguem uma lógica de formação lexical mais comum da língua portuguesa (BAGNO, 2013).

Se tomarmos a língua como instrumento de comunicação, segunda concepção de linguagem, teremos que as variantes empregadas por Larissa não poderiam ser consideradas erradas, pois, nesta perspectiva, a língua enquanto sistema possui tal variante. Ocorre, no entanto, que essa forma linguística, embora possibilitada pelo sistema, não pertence socialmente a uma variante de prestígio. Assim, embora possa ser possibilitada pelo sistema, não é validada socialmente.

Na concepção de linguagem como processo de interação, a forma ‘truce’ e ‘sube’ são totalmente aceitáveis, dentro de situações comunicativas e em gêneros textuais de ordem mais familiar e amistosa. Contudo, nessa perspectiva, é preciso entender que, tal qual acontece nas situações analisadas, a interação verbal pode gerar compreensões preconceituosas, justamente por se tratar de uma variedade de não prestígio.

O que acontece, no dia a dia, é a falta desse conhecimento, principalmente em relação a segunda e terceira concepção linguística, por parte da população em geral, que acredita fielmente que existe um padrão para a língua, por conta de ainda ser forte, em nosso meio social, a tendência de linguagem como expressão do pensamento, para a qual parece haver uma correlação direta entre, se alguém tem estudos, passou pela educação básica e, principalmente, superior, deve falar em todos os momentos a variante de prestígio (BAGNO, 2007, 2013, 2014). A problemática dessa questão é a perpetuação de uma crença que não corresponde ao real. Assim como foi posto no início deste trabalho, a língua portuguesa falada no Brasil é constituída por diversas variedades, que apresentam variações e variantes diferentes entre si (POSSENTI, 1996, TERRA, 2021).

Relativo às formas lexicais ‘truce’ e ‘sube’, podemos inferir que elas ocorrem dentro de variação diatópica, conhecida também como regional ou geográfica, que consiste em variações relacionadas ao espaço geográfico em que o falante se situa, neste caso, o interior de Santa Catarina, localizado na região sul do país. Quanto a esta variação, pessoas cujo aprofundamento no assunto é raso, creem que essa só diz respeito a palavras e expressões que são ditas de uma forma em um estado, e conhecidas em outras regiões de outra forma, como exemplo podemos

citar sacolé-dindim-geladinho e mandioca-macaxeira-aipim; quando na verdade, vai além, abrangendo também os sotaques e adequações de palavras já existentes, sendo o ‘truce’, uma variação do trouxe, que pode ser explicada, linguisticamente pelo fato de “trazer” ser um verbo irregular, significando que não segue a conjugação comum a de outros verbos, como: beber- eu bebi; trazer- eu trouxe. Apesar de ‘truce’, neste caso, ser diferente de “trazi”, ainda é explicada como variação lexical. O mesmo princípio ocorre com a forma ‘sube’.

Além da variação diatópica, temos outras quatro que nos dão aporte para tratar de variação linguística, sendo elas: variação diafásica, diamésica, diacrônica e diastrática, que se referem, respectivamente à variação situacional; variação entre língua falada e escrita nos meios de comunicação, variando de acordo com o gênero textual; variação relativa ao passar do tempo e mudanças que ocorrem nesse período; e por fim, a variação relacionada à diversidade social, econômica, de gênero e cultural. Nos sendo interessante aqui, mencionar a variação situacional, que nos mostra a não necessidade da sister falar, por todo o tempo, a variedade padrão, quando ela não está em ambiente de trabalho e também longe de sua cidade natal, onde a comunidade emprega as mesmas palavras e expressões que ela.

Na sequência apresentamos comentários gerados a partir do emprego da forma ‘truce’, por Larissa:

Comentário - Truce - 01:



pedrinho
@peluquinhas

Seguir

me identifico muito com ela porque como interiorano posso dizer que cresci ouvindo "truce", falava assim até dia desses e hoje ainda penso antes de pronunciar kkk vícios de linguagem compõem a comunicação, feio é a ignorância de quem não entende isso

Comentário - Truce - 02



v.
@vicvics__

Seguir

eu n aguento essa Larissa do bbb flnd “truce” gasta horrores c silicone e lente nos dentes mas não sabe falar nem o básico do português, pelo amor

23:40 · 04 abr. 23 · 164 Visualizações

Comentário- Truce- 03



sys
@fmsysi

Seguir

Não, a menina é formada em educação física, teve privilégios e estudo, fala truce pq quer, ela sabe como fala certo #bbb23

Comentário- Truce- 04



bia
@rvrebeauty

Seguir

q mico esse fandom da Larissa metendo "preconceito linguístico" kkkk esse tipo d preconceito eh ofender as falas de alguma região, pera aí.. em que região vcs falam "truce"? 🤔 p mim isso eh analfabetismo msm

19:25 · 25 mar. 23 · 299 Visualizações

No comentário *Truce-1*, o usuário ‘Pedrinho’ faz uma menção importante quanto ao emprego de formas de não prestígio de nossa língua no início de sua publicação, mas considera estas formas como ‘vícios de linguagem’, ou seja, erros ou desvios da norma padrão. Por isso, é importante refletirmos sobre o ensino de português no Brasil. A formação dos professores não deve gerar reprodução, mas sim reflexão, pois enquanto isso não acontecer será cada vez mais constante vermos brasileiros acharem que falam errado apenas por não falar de acordo com o português escrito. (BAGNO, 2015)

Quanto aos comentários *Truce-2*, 3, 4 e 5, as internautas demonstram falta de conhecimento sobre o conceito de variação linguística. Além disso, os comentários sobre a *sister* Larissa são depreciativos e preconceituosos. Analisando-os, podemos perceber que as internautas estabelecem a relação direta entre falar “correto”, nível de estudo e classe social, o que remonta à primeira concepção de linguagem, que estabelece a noção de que a fala está diretamente conectada ao pensamento. Logo, uma pessoa que é graduada, professora e possui condições para fazer procedimentos estéticos deveria, nessa concepção, usar a variante linguística de prestígio, pois ela, em tese, pertenceria a uma classe socioeconômica de prestígio.

Desde o século XIX, quando as mulheres entraram no meio docente, o machismo é predominante, sendo esperado que estas, como professoras, sejam exemplo para a sociedade, adotando a personalidade única: professora, tendo que carregar isso em todos os momentos de

sua vida, tornando da profissão, sua identidade. Porém, Nery (2014) nos traz que, por estarmos em constante interações em ambientes distintos, e também influenciados pelo que a mídia e as pessoas falam de nossas identidades, muitas vezes, nossa visão de si mesmo é deturpada. Ou seja, a autora, nesse caso, nos ajuda a quebrar este “mito” de que o professor deve ser sempre professor, pois apenas por sermos seres sociais, nossa identidade não é fixa ou linear.

A seguir apresentamos comentários gerados a partir do emprego da forma ‘*sube*’, por Larissa:

Comentário - Sube - 01



su
@suuh_e

Seguir

Como pode tão bonita, tão bem posicionada e tão burra, misericórdia.



mary gomes @marygomes · 24 jan.

to chorando com a larissa falando eu sube kkkkkkkkkkk mt bom

Comentário - Sube - 02



calorina
@calorininha

Seguir

gostosa e burra do jeito q o diabo gosta



mary gomes @marygomes · 24 jan.

to chorando com a larissa falando eu sube kkkkkkkkkkk mt bom

Comentário - Sube - 03



Belih
@ElianaBelih

Seguir

Ela nao tem a gramática mas tem meu coração



mary gomes @marygomes · 24 jan.

to chorando com a larissa falando eu sube kkkkkkkkkkk mt bom

Comentário - Sube - 04


Bárbara @barbarakkkkkk · 25 jan.

nossa mas ela é tao bonita que agora a palavra "soube" deveria virar "sube"


mary gomes @marygomes · 24 jan.

to chorando com a larissa falando eu sube kkkkkkkkkkk mt bom

Comentário - Sube - 05


Nini @nivialima_

Seguir

gostasas também podem ser burras 🤔


mary gomes @marygomes · 24 jan.

to chorando com a larissa falando eu sube kkkkkkkkkkk mt bom

Comentário - Sube - 06


Moana sem Mar @moanasemmar · 25 jan.

Em resposta a @kaiderkaider

O pior é que faz muito sentido considerando a história linguística. Muitas palavras que tinham (ou ainda tem em outras línguas românicas) o encontro "ou" se transformando em "u". Eu também nunca tinha visto essa forma, mas a gata tá usando uma lógica linguística hehehe

1 1 47


matheus coelho @kaiderkaider · 25 jan.

exato!! é tipo falar "eu expludo" por analogia com "eu engulo". depois que a gente para pra pensar, até parece que "soube" e "explodo" é que são inapropriados kkkkk

28

As capturas de tela acima são respostas referentes à postagem de uma internauta que expõe um vídeo da *sister* utilizando a variante linguística ‘sube’. Escolhemos este *post* devido ao grande número de respostas que relacionam a beleza da participante com sua inteligência, como se isso, de fato, tivesse alguma relação. O que vemos hoje em dia, principalmente na rede social X, é o aumento da ironia e banalização, por vezes, de pautas que são interessantes para se discutir seriamente variação linguística, porque se trata da língua falada por estes que a criticam, mas talvez nem tenham total conhecimento de sua complexidade.

Relativo aos comentários *Sube*-1, 2, 3, 4, e 5, um aspecto que pode ser destacado é o machismo e objetificação da participante, e, de modo geral, das mulheres, que muitas vezes são tidas como “inferiores” apenas por serem deste gênero. Além disso, podemos notar que há uma certa “fetichização” de mulheres “burras”. Não é muito difícil, se passarmos tempo em redes sociais, que há um crescente número de falas machistas que se atraem por mulheres ditas “burras” por serem facilmente manipuláveis.

Nesse sentido, vale destacar a relação social ‘burra’ e manipulável a partir da língua. Percebemos que a maioria dos comentários expostos têm a primeira concepção, expressão do pensamento, aquela que considera a língua como forma de organização e resultado do pensamento, e que teria uma única variedade correta e adequada. De modo que, se alguém a emprega erradamente, ele, por conseguinte, teria pensado, também, errado (NEDER, 1993, SANTOS, 2017). Desse modo, seu pensamento seria menos elaborado, já que apresenta problemas de elaboração da língua modelar. Logo, essa pessoa seria passível de ser manipulada, já que pensa equivocadamente.

Dessa forma, percebemos que o preconceito com a *sister* não é meramente linguístico, mas que viram na variação linguística dela um meio de propagar preconceitos sociais, sendo visto principalmente nos comentários relativos ao emprego de *Sube* que as associações são relativas a gênero. Preconceito este que busca anular as qualidades de Larissa e demais mulheres, tentando encaixá-la(s) em um padrão (inatingível) que os satisfaçam, que normalmente demanda feminilidade, fragilidade, dependência e “burrice”.

Ainda sobre isso, vemos em *Sube*-1 uma internauta se questionando como pode a mencionada participante ser bem “posicionada” e “burra”, em uma postagem que aponta a variante utilizada por Larissa, sendo tida como chacota. Assim, entramos em outra discussão, a Larissa é “burra” por não estar falando a variante não padrão? Certamente, não, visto que a variante que falamos não define nossa capacidade cognitiva, sendo o oposto, a marca de quem somos e de onde viemos.

Em contrapartida, em *Sube*-6 em que há um diálogo interessante, devido a tentativa de defender a participante usando de argumentos válidos como a história da linguística. Além de que a conjugação do verbo ‘soube’, apesar de soar inapropriado e “estranho” a alguns ouvidos, tem uma lógica por trás. Essas confusões são bastante comuns devido a transformação histórica da língua portuguesa, quando surge a variedade brasileira da língua portuguesa, transformando algumas palavras e criando características próprias, mas ainda carregando traços deixados pelo latim, que além das transformações, ainda têm palavras semelhantes, que acaba causando certa

confusão na hora da fala, até porque, considerando a história da linguística, falar ‘sube’ e ‘truce’ também faz sentido (BAGNO, 2013).

Pelos comentários do público do BBB no X, podemos observar que o preconceito está, neste caso, ligado com o fato de Larissa ser graduada. Ora, todos os graduandos devem falar a variante de prestígio em todas as situações comunicativas, indistintamente? A resposta pode ser sim e não, a depender da concepção linguística, vai depender de qual concepção de linguagem está sendo considerada. Assim como exposto na parte teórica deste trabalho, a língua portuguesa possui enorme flexibilidade, proporcionando variações em grau regional, situacional, histórico, entre outros. Não sendo, assim, obrigatória a fala na variante de prestígio.

Então, se o público condena a variante falada por Larissa, condena também todo um grupo social que possui a mesma fala. Nessa situação, notamos brasileiros que desconhecem a própria língua, rejeitando, conscientemente ou não, toda cultura e variação linguística e, em certo sentido, cultural, de seu país, o que reforça a consideração de Bagno (2007) e de Possenti (1996), de que é preciso haver uma educação da variação linguística.

4.3. *Menas*

No recorte a seguir, de 38 segundos, retirado da rede social X, os participantes - da esquerda para a direita - Bruno, sentado no chão, Amanda e Gabriel sentados no sofá, Antonio (Cara de Sapato), Larissa, Fred Bruno e Bruna Griphao sentados em pufes, estão conversando na área externa sobre as provas do programa, recém começado, tendo assim, muitos participantes. No recorte, Larissa fala a palavra “menas” invés de “menos”, levando o *brother* Antonio, conhecido na casa como ‘Cara de Sapato’ a corrigi-la. No desenvolver da cena, a *sister* explica que se sente inferior ao ser constantemente corrigida por seu modo de falar, já que durante toda sua vida falou de uma forma, que estava sendo, no programa, corrigida pelos demais participantes da casa.



Fonte: <https://twitter.com/pretademaiss/status/1620394992585052160>(X, 2023b)

Transcrição - 06:

Larissa: Porque como tá muita gente, eles elaboram uma prova para *menas* pessoas [[**Antonio:** menos]] **Larissa:** não vou lembrar, [[**Bruno:** é verdade]]

Larissa: É, menos.

Larissa: Hoje eu já tava brigando [[**Antonio:** eu fico corrigindo a Lari [fala rindo]]] hoje eu já ‘tava’ brigando aqui que o povo tava tudo me corrigindo por falar

Amanda: É, ela não ‘tá’ gostando

Larissa: É, não, é, é porque [[**Antonio:** não ‘tá’ gostando de ser corrigida? eu paro, desculpa]]

Larissa: amigo, não é só você

Bruna Griphao: É variação linguística, eu deixo a Lari falar

Amanda: É

Larissa: É porque não é só você, não é só você [[**Amanda:** é, cada um tem]] é todo mundo me corrigindo o tempo inteiro e, daí, tipo, eu tô me sentindo o que [[**Antonio:** eu pensei que tu queria]] **Larissa:** não, não

Larissa: Não, mas sabe o que é que é? [[**Amanda:** não, eu falei aqui agora]] **Larissa:** eu me sinto sabe como? tipo, eu nunca tive esse lugar de me sentir inferior por falar [[**Antonio:** não se sinta, pelo amor de Deus]] **Larissa:** por falar, olha o tanto que mexe isso comigo, e aqui eu tô sentindo isso [[**Antonio:** sério?]] e não é só você [[**Antonio:** desculpa]] é tipo o tempo inteiro as pessoas

Bruna Griphao: Eu nunca te corriji

Amanda: É

Na situação descrita, Larissa demonstra certo desconforto com a correção de Antônio e desabafa sobre a sensação de ser corrigida constantemente, dizendo se sentir inferior devido a sua variante, causando a conhecida, popularmente, “baixa autoestima intelectual” e, despertando nela, inseguranças, que a acompanham principalmente depois do programa, ao ver os comentários maldosos que foram feitos a seu respeito.

Apesar de soar estranho, o emprego de *menas* possui certa lógica. Normalmente, em casos que a palavra seguinte é feminina, artigo ou palavra anterior também vem no feminino. Por exemplo, em “poucas casas/poucos casos” há concordância entre os elementos constituintes, o que se projeta no uso linguístico de ‘menos’ e ‘menas’. Além disso, não se trata de um erro para a terceira concepção de linguagem, que compreende a língua como meio de comunicação, cujo objetivo é gerar interações e fazer-se entender. Nesse sentido, é válido reforçar que, para Bagno (2015, p. 176):

[...] Todo falante nativo de uma língua é falante plenamente competente dessa língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade e agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua.

Assim, cabe destacar que o emprego da forma *menas*, utilizada pela *sister* não significa “burrice” ou necessariamente, desconhecimento da língua, assim como não a desqualifica como professora, até porque, como dito anteriormente, não é dever de nenhum profissional falar na variante padrão a todo tempo. Até porque, nossa língua, assim como qualquer outra, é flexível e nos permite variar o modo de interagir dentro de contextos sociais. (BAGNO 2007, 2013), TERRA (2021).

A seguir apresentamos comentários gerados a partir do emprego da forma ‘menas’, por Larissa:

Comentário - Menas - 01



GIO
@gioxschiavi

Seguir

variação linguística???

A partir do momento que a pessoa se apresenta como professora, ela não pode reproduzir palavras erradas como menas, truce, espray, remdbol. Que vontade de morrer quando ouço ela falar errado sim. ELA É PROFESSORA GENTE

Comentário - Menas - 02



ESTELIONathália
@NascimentoNath

Seguir

Preconceito linguístico é uma merda e a gente não deve corrigir.

Porém Larissa é graduada e professora, não é aqueles erros de conjugação fuderoso. A gata toda hora fala menas pow.

Comentário - Menas - 03



maluca tereza @_help_me_god · 31 jan.

Em resposta a @carolstuvrt

sei lá, uma coisa é falta de acesso, falta de oportunidade... e outra é vc ser graduado... Ela foi professora de crianças, n queria uma professora, por + q fosse educação física, falando "eu sube", "eu truce"... de toda forma, adoro o jeito dela e q bom q ela externou o q sentia



2



4



102



11,8K



Ana Julia Andrade
@AnaJuli40730783

Seguir

Em resposta a @_help_me_god e @carolstuvrt

Exatamente. A pessoa teve educação de qualidade a vida toda, é formada, é professora. As pessoas confundem demais. Eu corrigiria ela? Provavelmente não. Mas vir falar que é preconceito linguístico se tratando da Larissa? Kkkkkkkkk por favor...

5:33 · 01 fev. 23 · 932 Visualizações

Comentário - Menas - 04



cacau
@claricens_

Seguir

vcs viajam né, não tem preconceito linguístico nenhum
nessa situação da Larissa, ela é formada, é professora
cara me poupe
não tem necessidade deles ficarem corrigindo ela o
tempo inteiro na frente de todo mundo, mas não é um
caso de preconceito linguístico

Comentário - Menas - 05



RAPHA
@raphaellascunha

Seguir

É fod@ pq ela é professora. Tem faculdade. É
importante q saiba o mínimo. ✨ a forma como a gente
corrige alguém precisa ser sem alarme ✨ ela não sabe
análise da fonética / grafia. Isso quando ela diz “truce”.
Quando ela diz “MENAS” sabemos q ela não sabe

Comentário - Menas - 06



Louise
@loumeireless

Seguir

Ok que corrigir é constrangedor e tal mas gente, como
ela tem faculdade, trabalha com criança E FALA TÃO
ERRADO?! É uma parada muito inadmissível pra minha
cabeça conseguir entender...

Comentário - Menas - 07



✨ **fefe** ✨
@fernandalimal

Seguir

A gata sabe falar? Não sabe, mas vcs já viram o corpo
dela ?? Não tem como treinar o cérebro e o corpo ou se
fica gostosa ou inteligente 🤔

Comentário - Menas - 08



the one who knocks
@gabisfsouza

Seguir

mulher graduada falando menas é pra ter vergonha de
ser burra mesmo

Comentário - Menas - 09



@zolpinoide

Seguir

eu nunca vi alguém ficar puta por ser burra



Preta :) @pretademaiss · 31 jan.

o fred do lado assim 🤔🤔🤔 kkkkkkk



22:33 · 31 jan. 23 · 1.228 Visualizações

15 Curtidas 1 Item Salvo



. @zolpinoide · 31 jan.

Em resposta a @zolpinoide

e não venham com essa de que ela não teve estudo, a mina tem faculdade e é professora.

mas é aquilo né...cota gostosa e burra.



600



Dado o exposto, vemos a forte presença da tendência de linguagem como expressão do pensamento e com ela, a ideia de que alguém que “fala errado” tem baixa capacidade cognitiva. Como vimos em Neder (1993) essa tendência supõe que nossa fala é uma externalização de nosso interior, ou seja, para esta concepção, os comentários acima possuem sentido. Entretanto, optamos aqui por trabalhar com a terceira tendência, em que a língua é instrumento para interações verbais, cujo objetivo primordial é a transmissão de mensagens. Dito isto, para nossa análise, que busca também, relacionar a língua com a representação docente, nos cabe atribuir as reflexões trazidas por Aragão (2013) referentes a identidade de professoras brasileiras, mostrando que estas se sentem em conflito pela necessidade constante de manter-se na postura

de professora. Observamos e relacionamos isso aos comentários expostos relativos ao emprego de *Menas-1, 2, 3, 4, 5, 7 e 8*, que fazem relação direta entre a fala da *sister* e sua profissão. Essa é uma questão que precisa de debates ainda mais amplos.

No que tange aos comentários 6 e 9, as internautas fazem referências machistas, objetificando a *sister* e, diferente dos demais comentários acerca dessa forma lexical, os comentários relevam o fato de Larissa ter empregado a forma *menas*, de modo que dá a entender que está tudo bem ser “burra” quando se é bonita. Isso implica em relações sociais distorcidas e discriminatórias, traduzindo apenas o interior de quem propaga estas ideias. (BANDEIRA; BATISTA, 2002)

Por tomarmos, neste trabalho, a tendência de linguagem como processo de interação verbal, entendemos que as falas da *sister* não são menos adequadas, pois nosso intuito é gerar interações verbais. Até porque as noções de “certo” e “errado”, na maioria das vezes, estão muito mais relacionadas a fatores sociais. (NEDER, 1993; GERALDI, 1995; SANTOS, 2017)

Conforme vimos em Bagno (2013, 2007) e Terra (2021), a variação diafásica, ou seja, a variação que compreende as adequações das falas às situações, englobando também as singularidades dos falantes relativo à idade, sexualidade, gênero e, principalmente, intimidade. Isso nos reforça, de novo, que as falas de Larissa não devem ser consideradas erradas e que os julgamentos devido à sua profissão não têm fundamento científico, pois, independente da profissão, nossa língua é fluída e se adequa às situações cotidianas.

A partir dos comentários acima, retirados do X, podemos perceber que os internautas desta rede abraçam a ideia de língua una, constituída de uma forma única, padrão, sem espaço para variações, concebendo, desse modo, o preconceito linguístico, que se torna mais forte ao saber que a *sister* em questão é professora, gerando, por vezes, manifestações ofensivas, que beiram ataques de ódio, conhecidos atualmente como *hates*, e, por vezes, memes.

Dessa forma, a noção de preconceito linguístico começa na propagação de superstições em que o erro tem origem na falta de interesse na língua, falta de leitura e estudos e/ou desleixo, alimentando a ideia de que existe uma língua superior, aquela falada por pessoas de alta classe. E esta pesquisa mostra que esse preconceito cresce, em grande parte, nos principais meios de comunicação (BAGNO, 2009)

No caso deste trabalho, que busca analisar a relação entre preconceito e representação docente, fica explícito que os internautas entendem por preconceito linguístico o emprego de variantes linguísticas de desprestígio, além de conceberem a língua como expressão de pensamento, e isso se agrava quando o público descobre que Larissa é professora e questiona e

critica a *sister* por seu modo de falar, justamente devido ao ensino de português que foca em termos, conceitos e regras, gastando energia em entender e nomear fenômenos da língua portuguesa e deixando de lado o debate sobre as variações linguísticas.

4.4. Inseguranças pós-BBB

Posteriormente, Larissa, em sua participação no *podcast* ‘PodDelas’³, comentou que passou a se sentir insegura depois da repercussão negativa de sua variante.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=ncFtm2zI7X8> (PODDELAS, 2023)

A seguir será transcrito, para contextualização, o recorte entre os minutos 46 e 51, nos quais a participante relata sua insegurança às apresentadoras Bruna Unzueta e Tata Estaniecki.

Transcrição-07

Tata: Quando você é exposta num programa nacional, com sei lá, milhões de telespectadores, eu imagino que deve ser um choque até na hora que você sai, cê vê “gente mas as pessoas não falam isso aqui?”

Larissa: É muito doido. Isso me gerou muita insegurança, sabia? É, é, tipo assim, eu sou professora, enfim, eu, eu, a minha cidade, até em Criciúma que eu morava, nunca ninguém

³ Perfil PodDelas no youtube: <https://www.youtube.com/@PODDELASoficial>

me corrigiu de nada de palavras, ne, sempre, cara pra mim era aquilo, às vezes até eu poderia falar, mas ninguém nunca me corrigiu, nunca na minha vida. E aí eu entro no programa e aí eu lembro que lá dentro teve umas três pessoas, acho que foi..., enfim, três pessoas falam “ah, é assim” e eu “ ah tá”, e foi, aí eu lembro que no começo eu falei “cara, por que as pessoas tão me corrigindo? Tipo... aí eu lembro que a Bru ainda “a eu gosto tanto do jeito que tu fala” e não sei o que lá, falava assim, todos eles falavam assim, de um jeito muito amoroso comigo né, e eu comecei notar, mas eu falei “ah, é isso”. Quando Tadeu entra no discurso ele falou “e essa menina que trouxe ou truce ou que truce ou trouxe, que se dane o verbo, muita alegria pra essa casa” na hora eu falei “cara, ele falou ‘trouxe ou truce’ aí eu peguei, alguma coisa lá fora tá rolando do que eu tava falando né. Eu saí do programa e aí eu vejo muita gente fala né, do jeito de falar, do meu jeito de falar, enfim, e aí eu comecei, quando eu saí eu vi que muita gente levou isso na esportiva né, como o Tadeu, todo mundo levou muito na esportiva né, é isso, na minha cidade lá muita gente fala assim, né, e muita palavra, não só essa palavra, mas muitas palavras, erradas, assim, sabe?

Tata: Não, lá no Sul, também, eu falava, eu falava assim, e eu tive um choque também quando eu vim pra São Paulo

Larissa: Muito, e aí o povo tem a mania de corrigir, e assim, eu sempre fui muito de corrigir, não corrigir, eu sempre notei quando a pessoa escrevia errado, mas quando a pessoa falava errado eu nunca notei. Minha mãe fala assim, minha irmã fala assim, tanto que minha mãe, quando eu saí ela falou assim: “Lari, por que eles tão falando disso, de truce?, tipo, porque ela fala assim. Eu e a Bela tinha, a Bela é minha sogra né, a gente foi pro sul e ela fala super corretinho assim né. E aí a gente foi num restaurante e o garçom “não eu já truce pra vocês o refrigerante” e tal, aí a Bela me olhou, e como agora eu tenho essa noção eu olhei pra ela, e tipo, muita gente que me acompanha, fala, é, é, algumas palavras assim né. E agora eu automaticamente eu tô, eu num to mais falando, mas não é nenhuma coisa assim tipo “ah”, porque eu realmente quero aprender outros... ne, mas assim, tem pessoas que falam de forma pejorativa, sabe? tipo, usam e isso começou a me gerar insegurança, porque eu saí e até então era brincadeira, o Tadeu e todo mundo brincando e tal, e muita gente leva na brincadeira, fala né “truce fatos”, “truce num sei o que” e eu ainda brinco no meu *instagram* truce num sei o que, so que aí o que acontece, eu tive que lidar com a internet né, e as pessoas elas não tinham muito o que falar de mim, e aí falava era de, do jeito que fala, da insegurança, “ah, burra”, “ah, não sabe falar nem direito”, “ah, truce”, falando de um jeito pejorativo, não de um jeito, tipo, né? E aí começou a me gerar insegurança, tanto que às vezes que eu vou escrever alguma

coisa, eu, eu tenho que mostrar pra minha assessora, tipo, uma coisa muito óbvia, que eu falava, que eu escrevia, que eu fazia sempre..

Bruna: Sempre na sua vida

Larissa: Sempre. Começou a me gerar insegurança, entendeu? por causa disso. De certa forma, tem muita gente que leva na brincadeira, e eu acho o máximo, até eu brinco

Tata: Todo mundo erra né gente

Larissa: É, não, e começaram a usar, mas tem muita gente que usa isso de uma forma pejorativa mesmo, ruim, sabe? Mas é uma coisa que você não imagina porque se eu entro, eu sempre, eu cara, eu sou professora, eu sou inteligente, eu sou... Quando você sai e as pessoas começam a falar uma coisa que tipo meu Deus, que isso, sabe?

Bruna: Mas eu lembro que até no programa você ficou incomodada, né, que teve, te corrigiram

Larissa: Teve uma vez, foi a primeira vez, foi uma vez que quando eu falei “cara, não, mas é meu jeito de falar”, mas eu pensei assim, aí depois de novo alguém me corrigiu, daí eu falei “não, tudo bem”. Ai eu lembro que o pessoal mesmo tipo ninguém mais falou, mas também me corrigiram de uma forma muito legal assim, aí eu lembro que no começo eu fiquei “cara, que isso?”, ai depois eu fui e quando eu saí ai eu vi, cara é muito mais pesado, assim o que as pessoas, sabe? tipo, elas falam de um jeito ruim, e ai eu comecei a gerar essas inseguranças assim, em mim mesmo, sabe? Então, você tem que tá preparado que você vai viver coisas no Big Brother que você nunca imaginou. Quando que eu ia imaginar na minha vida, que eu ia ter uma insegurança do jeito de falar, tipo, jamais. Ainda mais eu, que sempre fui muito comunicativa, de falar, de conversar, entendeu?

Após a exibição do *podcast*, perfis de fofoca e jornalismo da rede social X, postaram o recorte em que a *sister* conversa com as apresentadoras sobre o pós-BBB 23, e mais uma vez, podemos ver comentários preconceituosos, que serão expostos nos *prints* a seguir:

Insegurança-1



FOFOQUEI @FOFOQUEI · 27 ago.

Larissa Santos conta que passou a ter insegurança após ter seu português corrigido no bbb: "As vezes, vou escrever uma coisa muito óbvia e tenho que mostrar para a minha assessora."



1,258

1.443

14,2K

2,7M

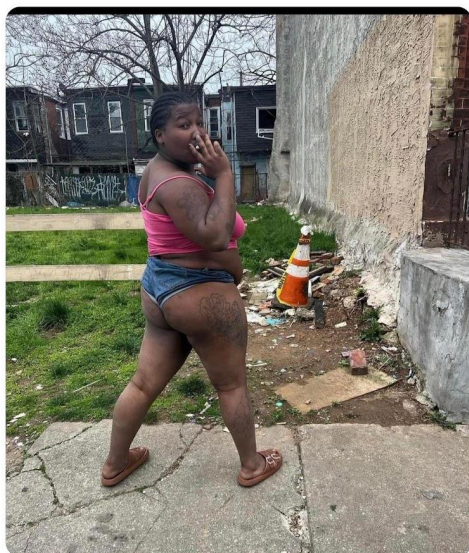


AgathaTriste @CortaMimimi **Vigorenta**

Seguir

Em resposta a @FOFOQUEI

Only Fans precisa de textão para quê?



22:25 · 27 ago. 23 · 11,5K Visualizações

Insegurança-2



polêmica e apocalíptica
@HeloisaBergami

Seguir

Que bom q vc mostra pra ela. Uma mulher adulta com acesso a informação ser mocoronga assim c o próprio idioma é de fuder



FOFOQUEI @FOFOQUEI · 27 ago.

Larissa Santos conta que passou a ter insegurança após ter seu português corrigido no bbb: "As vezes, vou escrever uma coisa muito óbvia e tenho que mostrar para a minha assessora."



7:37 · 28 ago. 23 · 2.045 Visualizações

Insegurança-3



juliana ☺️: sinestesia
@bawieras

Seguir

ngm mandou ser burra e não saber o básico do português



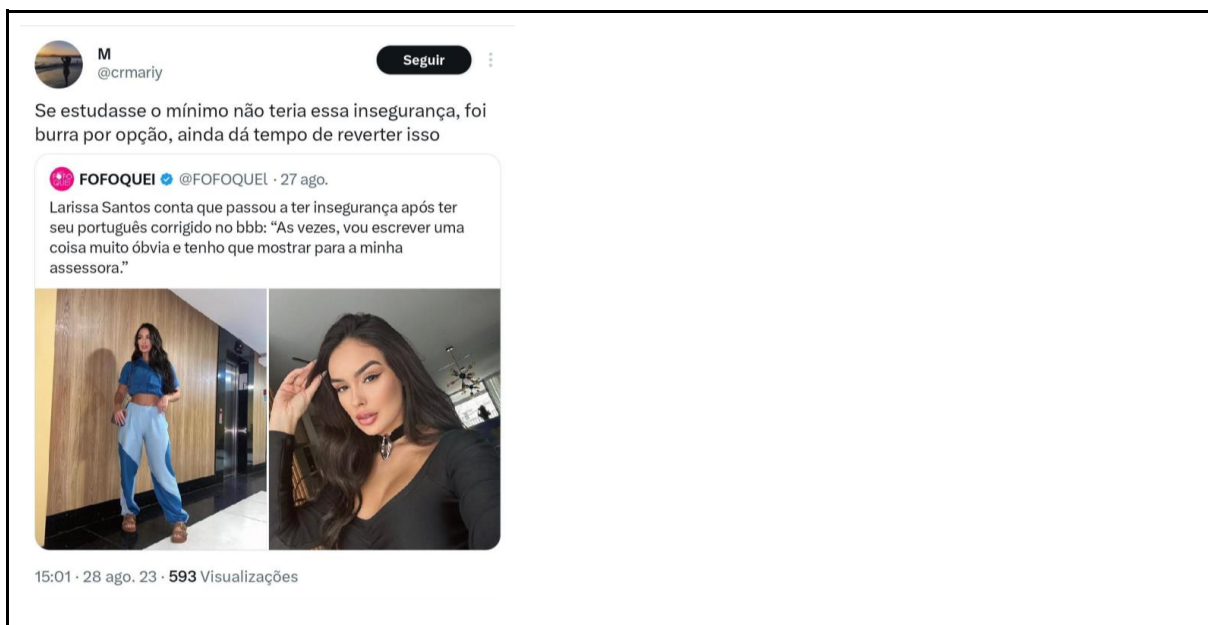
FOFOQUEI @FOFOQUEI · 27 ago.

Larissa Santos conta que passou a ter insegurança após ter seu português corrigido no bbb: "As vezes, vou escrever uma coisa muito óbvia e tenho que mostrar para a minha assessora."



11:23 · 28 ago. 23 · 407 Visualizações

Insegurança-4



Insegurança-5



Assim como já expomos, o preconceito linguístico, neste caso, abriu as portas para o machismo. Nessa publicação podemos ver claramente, o desrespeito em associar Larissa a alguém que, por não "saber português", como já visto em outros posts, está 'apta' ao trabalho na plataforma de prostituição citada pela usuária @CortaMimimi, em *Insegurança-1*.

Por mais que não seja o foco desta monografia, o machismo acabou se tornando muito evidente ao analisarmos os comentários sobre a referida participante. Retomando Aragão (2013), é relevante enfatizarmos que o preconceito de gênero, por mais que algumas vezes se

introduza escamoteadamente no cotidiano, passando despercebido, ainda é existente e resistente e tem como origem, de certa forma, a figura social feminina em Portugal, quando de seu ingresso na docência. Nesse sentido, vemos toda essa carga posta sob a mulher, em especial à mulher docente, nos comentários de *Insegurança*-1 e 5. Neles, há a indicação de que a mulher que vende conteúdo adulto não precisa de domínio da língua, já que será seu corpo e sua beleza o mais importante. No segundo, a objetificação da mulher é explicitada e, novamente, atribui-se a falta de inteligência como algo bom para mulheres, como se pensar não lhes fosse algo necessário.

Referente aos comentários *Insegurança*-2, 3 e 4, vemos novamente que os internautas associam “falar errado” à burrice. Para se contrapor a essa argumentação, trazemos Possenti (1996) que apresenta o conceito de gramática internalizada como aquela dominada pelo falante em questão, ou seja, não é mais o conjunto de regras que se deveria usar para falar *bem*, mas, sim, o compilado de hipóteses sobre a língua que este produz. Em outras palavras, esta gramática seria o compilado de características da fala de um grupo de brasileiros que, por mais que ouça uma frase que não tenha o emprego correto de plurais e concordância, entendem as manifestações ou a atividade linguística, identificando-a como pertencente à língua portuguesa. É interessante trazer este conceito no que se refere ao contra-argumento de “falar errado”, pois, pessoas que nasceram ou cresceram no Brasil entendem uma frase, mesmo que no meio dela exista o uso de ‘sube’, ‘truce’ e ‘menas’.

Em suma, após observarmos as reações desproporcionais às falas da participante, explicando sua insegurança no domínio linguístico, podemos firmar a noção de que, quando o ensino da língua é voltado para a norma-padrão, acaba por servir como meio de exclusão, segregação e preconceito, pelo fato desta ser tomada como única variedade da língua aceitável e modelar, devido a seu padrão composto por regras e preceitos de bom uso linguístico (BAGNO, 2014).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscando entender mais de nossa língua materna, nesta monografia tivemos como objeto de estudo a relação entre preconceito linguístico e docência, que foi possibilitada através da participação de Larissa na edição 23 do programa televisivo *Big Brother Brasil*. Através dela, conseguimos visualizar a noção de preconceito linguístico do público do BBB 23 na rede social X e também o que entendem por língua. Além disso, também, foi-nos possível descrever um pouco da imagem do docente brasileiro nos dias atuais, principalmente no que se refere à rede social acima mencionada.

No que tange aos objetivos, consideramos que conseguimos alcançá-los com auxílio da fundamentação teórica que fundamentaram nossas análises dos materiais extraídos da rede social X.

A partir das análises pudemos perceber que a maioria dos internautas examinados possuem fortemente a concepção de língua como *expressão do pensamento* e, com isso, perpetuam a ideia de que a língua é una, fruto da gramática normativa e sua ideia de fala que segue o modelo da língua escrita. Por isso, eles tendem a ignorar a variação situacional, que acata justamente a questão de adequação às situações cotidianas e comunicativas de Larissa, e geográfica, visto que a *sister* é de uma região em que tais variantes são típicas. Além disso, consideram que o professor deve ser modelo e exemplo de pessoa em todas as situações de sua vida. Logo, ele precisa cuidar de usar sempre e em qualquer situação a variedade linguística de prestígio, isto é, a variedade culta.

De modo geral, sentimos que a justificativa da temática é bastante relevante e ainda pode ser explorada em trabalhos futuros, pois a questão da disseminação do preconceito no meio digital vem aumentando significativamente, criando uma imagem negativa do professor que foge dos padrões linguísticos esperados e também afastando da área pessoas que teriam interesse em migrar para a docência.

Também identificamos a imagem que as pessoas têm acerca dos docentes a partir da língua. Grande quantidade de comentários direcionados a Larissa eram ofensivos por ela ser professora de crianças e, durante o programa, não se utilizar da variedade culta. Para nós, isso demonstra que o público do programa na rede social X tem uma visão de professor deve empregar sempre e indistintamente a mencionada variedade em suas interações verbais. Além disso, nos comentários, o não emprego ou domínio da variedade culta por um docente indicaria

a não competência desse profissional, levando a seu questionamento enquanto professor e, em muitos casos, inclusive de sua inteligência.

Quando falamos de preconceito linguístico, neste trabalho, falamos também de preconceito social, uma forma mais ampla e escancarada de preconceito em nossa sociedade, que se torna evidente em nossas análises. É um assunto delicado que atinge mulheres direta e diariamente, sobrevivendo no tempo e espaço, mesmo com todas as lutas e conquistas no meio feminino. Nos comentários analisados, verificamos que as mulheres professoras são objetificadas e fetichizadas, por conta de estereótipos de que, mesmo não sendo inteligente, por não usar a variedade de prestígio social, a beleza bastaria. A mulher, nesse caso, é julgada apenas por sua beleza, como se isso fosse sua única valia e inteligência não lhe fosse um atributo esperado, principalmente, pelo fato de que a ‘burrice’ seria melhor, pois a tornaria mais facilmente um objeto sexual ou de fetiche. O que nos chamou mais a atenção, foi o fato de que grande parte desses comentários foram feitos por outras mulheres.

Tal qual foi mencionado no capítulo de fundamentação teórica, vemos que a história da mulher na docência é marcada de machismo, pois desde nossa inserção neste meio, que foi possibilitada pelos avanços tecnológicos trazidos pelo Iluminismo na Europa, somos tidas como frágeis e menos desenvolvidas que os homens. Hoje, apesar de separados por anos de distância, a realidade não mudou, as mulheres ainda são tidas como inferiores em relação aos homens, mas a visão estereotipada piorou, pois além de alguns, terem uma imagem de docente como alguém que não teria “capacidade” para exercer outras funções, sendo professora apenas por dom, vêem as mulheres docentes de maneira sexualizada e fetichizada.

Assim, respondendo às questões de pesquisa, reafirmamos o que já foi exposto nas análises: o público desta edição do BBB na rede social X vê a língua a partir da primeira concepção de linguagem, acreditando que a língua falada deve seguir o modelo de língua escrita, isso explica o motivo de muitos deles não levarem em consideração as inúmeras variações linguísticas que temos em nosso país, gerando preconceito e exclusão social. E também, conseguimos notar que os discursos sobre docência estão sempre associados a uma imagem de docente como exemplo, como pessoa que não deve errar, e, linguisticamente, alguém que fala de acordo com a variante de prestígio.

Quanto aos materiais utilizados para esta pesquisa, a rede social X foi de grande auxílio, e surpresa pessoal ao perceber que, em um aplicativo público, que milhares de pessoas têm acesso, não existe um filtro ou limite para atitudes e comentários desrespeitosos, e isso nos

mostra que, infelizmente, hoje em dia encontramos preconceito facilmente em qualquer lugar, é algo de fato escancarado e não mais discreto, como talvez tenha sido algum dia.

Dessa forma, concluímos este trabalho satisfeitos com seu desenvolvimento e todas as aprendizagens que nos trouxeram. Foi uma incrível oportunidade de relacionar uma temática que nos desperta bastante interesse e a formação que estamos tendo com esta graduação. Sentimos que está sendo uma excelente forma de concluir o curso, estudando de forma mais aprofundada por meses sobre a língua que falamos e a imagem que alguns internautas possuem sobre docentes e suas variações, que futuramente será também sobre nós próprios.

Nesse sentido, entendemos que ainda há um longo caminho a se trilhar para modificar a visão turva que se é perpassada da língua portuguesa e de como os professores devem ser, falar e agir. Para isso é preciso o esforço contínuo em uma pedagogia linguística (BAGNO, 2007, 2013, 2014) que ensine não somente nomenclaturas e regras, mas também como usar a língua, explicar e acatar atentamente o que os alunos de hoje entendem por língua, como percebem as variações em seu meio e principalmente, reforçar a terceira concepção de linguagem, a que compreende a língua como processo de interação verbal, perpetuando a noção de que a língua é fluida e está em constante modificação e transformação.

Por fim, vale também reforçar que o programa BBB, bem como a emissora Rede Globo, deveriam contribuir com discussões sobre variação linguística, inclusive em seus próprios programas que se valem de conteúdos ou participantes da citada atração. Discutir esse preconceito é uma forma de contribuir para que as pessoas se eduquem linguisticamente, principalmente sobre o fenômeno da variação linguística que é algo inerente a qualquer língua. Embora saibamos que só isso não erradicará tal preconceito, tais ações tendem a diminuí-lo, bem como torná-lo conhecido e, assim, compreensível, de certa forma, àqueles que acompanham diretamente o programa, bem como alimenta discussões sociais sobre esse tema.

6. REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.
- ARAGÃO, M. A mulher-professora na docência infantil: história, memórias e representações. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 10*, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...], Florianópolis: UFSC, 2013.
- BAGNO, M. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2013.
- _____. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2014.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2009.
- _____. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola, 2015.
- _____. Variação Linguística, in: FRADE, I. C. A. da S.; VAL, M. da G. C.; BREGUNCI, M. das G. de C. **Glossário Ceale: Termos de Alfabetização, Leitura e Escrita para Educadores**. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2014.
- BANDEIRA, L., BATISTA, A.S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, p. 119-141, jan. 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental - Língua Portuguesa - Ciclos I e II**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CAMPANELLA, B. A comunidade de fãs do Big Brother Brasil: Um estudo etnográfico. *In: Colóquio Internacional Televisão e Realidade*, Bahia, 2008.
- CARDANO, M. **Manual de pesquisa qualitativa: a contribuição da teoria da argumentação**, Petrópolis: Vozes, 2017.
- COELHO, L.I; GORSKI, E. M; MAY, G. H; SOUZA, C. M. N. **Sociolinguística**, Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- COSTA, M; BARBOSA, I. Relação gênero-docência-maternidade e implicações no cotidiano escolar. *In: Seminário Nacional de Trabalho e Gênero*, I., 2006, Goiânia. **Anais** [...], Goiânia, 2006.
- FERRAZ, C. P. A etnografia digital e os fundamentos da antropologia para estudos em redes on-line. **Aurora**, São Paulo, v. 12, n. 35, p.46-69, 2019.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GERALDI, J. W. (Org). **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

GIL, A. C. Como classificar pesquisas, *In: _____. Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, E. de F.; ABREU, L. de S. e; SOUZA, L. **Variação linguística**: a abordagem didático- pedagógica no livro didático Português Linguagens Ensino Médio Volume 1. 2017. 49 f., Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Francês) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unifap.br:80/jspui/handle/123456789/966>. Acesso em: 14 mai. 2023.

LEITE, M.C; HYPOLITO, A; LOGUERCIO, R. Imagens, docência e identidade. **Cadernos de Educação**, Pelotas, 36, p. 319 - 335, maio/ago. 2010.

LIMA, C.M.G. de; DUPAS, G.; OLIVEIRA, I.de; KAKEHASHI, S. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 21-30, jan. 1996.

LIMA, D; LIMA, L; SAMPAIO, A. Análise da imagem e da condição de saúde de professores no Brasil. **Revista de Educação e Sociedade**, Campinas, v. 7, n. 15, p. 94-101, 24 nov. 2020.

LOUZANO, P, et *al*. Quem quer ser professor? Atratividade, seleção e formação docente no Brasil. **Estudos em avaliação educacional**, São Paulo, v. 21, n .47, p. 543-568, set./dez.2010.

MOURA, L. A de; CARLOS, V. G. Noção de erro: Uma pesquisa com um grupo de professores de língua portuguesa do ensino fundamental e médio da cidade de Ponta Grossa. **UNILETRAS**, Ponta Grossa, v. 43, p. 1-18, e-15768, 2021.

MYERS, G. Análise de conversação e fala, *In: _____. BAUER, M.W; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

NEDER, M. L. C. CONCEPÇÕES DE LINGUAGEM E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA. **Polifonia**, Cuiabá, n. 1., [S. l.], 1993. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/1215>. Acesso em: 5 ago. 2023.

NERY, L. F.. A representação da identidade do professor através das imagens propagadas pela mídia. **Anais I CONEDU...** Campina Grande: Realize Editora, 2014. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/6842>>. Acesso em: 17 ago. 2023.

OLIVEIRA, E.; ENS, R. T.; ANDRADE, D. B. S. F.; MUSSIS, C. R. Análise de Conteúdo e Pesquisa na área da Educação. **Revista Diálogo Educacional**, v. 4, n. 9, p. 1-17, 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189118067002.pdf>. Acesso em: 19 set. 2023.

POLYDORO, F. da S. Hiper-realidade versus sedução: o paradoxo do Big Brother Brasil. **Intexto**, Porto Alegre, n. 24, p. 223–237, 2011.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996.

SANTOS, H. T. dos. **Representações sociais dos professores de língua portuguesa sobre o ensino gramatical**. 2017, Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/8879>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SCHERRE, M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHUCHTER, L. H.; LOMBA, M. L. de R. Docência, profissão e formação de professores para a educação básica: reflexões e referenciais teóricos. **SciELO**, 2022.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Da condição docente: primeiras aproximações. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago., 2007.

TERRA, E. **Compreendendo a língua que você fala**: a gramática e o conceito de certo e errado. São Paulo: Expressa, 2021.

UNE. União Nacional dos Estudantes: Marcos Bagno: Preconceito linguístico no Brasil. **UNE**, s/a. Disponível em: <https://www.une.org.br/2014/11/marcos-bagno-a-lingua-como-instrumento-de-poder/>. Acesso em: 06 set. 2023.

WESCHENFELDER, A. Da televisão às redes: fluxos comunicacionais do Big Brother Brasil. *In: V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais*. Rio Grande do Sul, 2022.

7. ANEXOS

A: Jogo Adedonha



B: Truce - jogo da discórdia



C: *Truce* - vestido



D: *Truce* - sapato



E: *Sube*



F: *Menas*



G: Insegurança - PodDelas



H: Comentário *Truce*-1



pedrinho
@peluquinhas

Seguir

me identifico muito com ela porque como interiorano posso dizer que cresci ouvindo "truce", falava assim até dia desses e hoje ainda penso antes de pronunciar kkk vícios de linguagem compõem a comunicação, feio é a ignorância de quem não entende isso

I: Comentário *Truce*-2



v.
@vicvics__

Seguir

eu n aguento essa Larissa do bbb flnd "truce" gasta horrores c silicone e lente nos dentes mas não sabe falar nem o básico do português, pelo amor

23:40 · 04 abr. 23 · **164** Visualizações

J: Comentário *Truce*-3



sys
@fmsysi

Seguir

Não, a menina é formada em educação física, teve privilégios e estudo, fala truce pq quer, ela sabe como fala certo [#bbb23](#)

K: Comentário *Truce*-4



bia
@rvrebeauty

Seguir

q mico esse fandom da Larissa metendo "preconceito linguístico" kkkk esse tipo d preconceito eh ofender as falas de alguma região, pera aí.. em que região vcs falam "truce"? 🤔 p mim isso eh analfabetismo msm

19:25 · 25 mar. 23 · 299 Visualizações

L: Comentário *Sube*-1



SU
@suuh_e

Seguir

Como pode tão bonita, tão bem posicionada e tão burra, misericórdia.



mary gomes @marygomes · 24 jan.

to chorando com a Larissa falando eu Sube kkkkkkkkkkkk mt bom

M: Comentário *Sube-2*



calorina
@calorininha

Seguir



gostosa e burra do jeito q o diabo gosta



mary gomes @marygomes · 24 jan.

to chorando com a larissa falando eu sube kkkkkkkkkkkk mt bom

N: Comentário *Sube-3*



Belih
@ElianaBelih

Seguir



Ela nao tem a gramática mas tem meu coração



mary gomes @marygomes · 24 jan.

to chorando com a larissa falando eu sube kkkkkkkkkkkk mt bom

O: Comentário *Sube-4*



Bárbara @barbarakkkkkk · 25 jan.

nossa mas ela é tao bonita que agora a palavra "soube" deveria virar "sube"



mary gomes @marygomes · 24 jan.

to chorando com a larissa falando eu sube kkkkkkkkkkkk mt bom

P: Comentário *Sube-5*



Nini
@nivialima_

Seguir

gostasas também podem ser burras 😭



mary gomes @marygomes · 24 jan.

to chorando com a larissa falando eu sube kkkkkkkkkkkk mt bom

Q: Comentário *Sube-6*



Moana sem Mar @moanasemmar · 25 jan.

Em resposta a @kaiderkaider

O pior é que faz muito sentido considerando a história linguística. Muitas palavras que tinham (ou ainda tem em outras línguas românicas) o encontro "ou" se transformando em "u". Eu também nunca tinha visto essa forma, mas a gata tá usando uma lógica linguística hehehe



1



1



47



matheus coelho @kaiderkaider · 25 jan.

exato!! é tipo falar "eu expludo" por analogia com "eu engulo". depois que a gente para pra pensar, até parece que "soube" e "explodo" é que são inapropriados kkkkk



28



R: Comentário *Menas-1*



GIO
@gioxschiavi

Seguir

variação linguística???

A partir do momento que a pessoa se apresenta como professora, ela não pode reproduzir palavras erradas como menas, truce, espray, remdbol. Que vontade de morrer quando ouço ela falar errado sim. ELA É PROFESSORA GENTE

S: Comentário *Menas-2*



ESTELIONathália
@NascimentoNath

Seguir

Preconceito linguístico é uma merda e a gente não deve corrigir.

Porém Larissa é graduada e professora, não é aqueles erros de conjugação fuderoso. A gata toda hora fala menas pow.

T: Comentário Menas-3



maluca tereza @_help_me_god · 31 jan.

Em resposta a @carolstuvrt

sei lá, uma coisa é falta de acesso, falta de oportunidade... e outra é vc ser graduado... Ela foi professora de crianças, n queria uma professora, por + q fosse educação física, falando "eu sube", "eu truce"... de toda forma, adoro o jeito dela e q bom q ela externou o q sentia



2



4



102



11,8K



Ana Julia Andrade

@AnaJuli40730783

Seguir

Em resposta a @_help_me_god e @carolstuvrt

Exatamente. A pessoa teve educação de qualidade a vida toda, é formada, é professora. As pessoas confundem demais. Eu corrigiria ela? Provavelmente não. Mas vir falar que é preconceito linguístico se tratando da Larissa? Kkkkkkkkkk por favor...

5:33 · 01 fev. 23 · 932 Visualizações

U: Comentário Menas-4



cacau

@claricens_

Seguir

vcs viajam né, não tem preconceito linguístico nenhum nessa situação da larissa, ela é formada, é professora cara me poupe
não tem necessidade deles ficarem corrigindo ela o tempo inteiro na frente de todo mundo, mas não é um caso de preconceito linguístico

V: Comentário Menas-5



RAPH A
@raphaellascunha

Seguir

É fod@ pq ela é professora. Tem faculdade. É importante q saiba o mínimo. ✨ a forma como a gente corrige alguém precisa ser sem alarme ✨ ela não sabe análise da fonética / grafia. Isso quando ela diz “truce”. Quando ela diz “MENAS” sabemos q ela não sabe

W: Comentário Menas-6



Louise
@loumeireless

Seguir

Ok que corrigir é constrangedor e tal mas gente, como ela tem faculdade, trabalha com criança E FALA TÃO ERRADO?! É uma parada muito inadmissível pra minha cabeça conseguir entender...

X: Comentário Menas-7



✨ **fefe** ✨
@fernandalimal

Seguir

A gata sabe falar? Não sabe, mas vcs ja viram o corpo dela ?? Não tem como treinar o cérebro e o corpo ou se fica gostosa ou inteligente 🤔

Y: Comentário Menas-8



the one who knocks
@gabisfsouza

Seguir

mulher graduada falando menas é pra ter vergonha de ser burra mesmo

Z: Comentário *Menas-9*



@zolpinoide

Seguir

eu nunca vi alguém ficar puta por ser burra



Preta :)  @pretademaiss · 31 jan.
o fred do lado assim 🤔🤔🤔 kkkkkkk



0:13

22:33 · 31 jan. 23 · 1.228 Visualizações

15 Curtidas 1 Item Salvo





. @zolpinoide · 31 jan.
Em resposta a @zolpinoide
e não venham com essa de que ela não teve estudo, a mina tem faculdade e é professora.

mas é aquilo né...cota gostosa e burra.



1



6



600



AA: Comentário *Insegurança-1*



FOFOQUEI  @FOFOQUEI · 27 ago.

Larissa Santos conta que passou a ter insegurança após ter seu português corrigido no bbb: “As vezes, vou escrever uma coisa muito óbvia e tenho que mostrar para a minha assessora.”



 1.258

 1.443

 14,2K

 2,7M



AgathaTriste   **Vigorenta** 
@CortaMimimi

Seguir

Em resposta a [@FOFOQUEI](#)

Only Fans precisa de textão para quê?



22:25 · 27 ago. 23 · 11,5K Visualizações

AB: Comentário *Insegurança-2*



polêmica e apocalíptica
@HeloisaBergami

Seguir

Que bom q vc mostra pra ela. Uma mulher adulta com acesso a informação ser mocoronga assim c o próprio idioma é de fuder



FOFOQUEI @FOFOQUEI · 27 ago.

Larissa Santos conta que passou a ter insegurança após ter seu português corrigido no bbb: "As vezes, vou escrever uma coisa muito óbvia e tenho que mostrar para a minha assessora."



7:37 · 28 ago. 23 · 2.045 Visualizações

AC: Comentário *Insegurança-3*



juliana **sinestesia**
@bawieras

Seguir

ngm mandou ser burra e não saber o básico do português



FOFOQUEI @FOFOQUEI · 27 ago.

Larissa Santos conta que passou a ter insegurança após ter seu português corrigido no bbb: "As vezes, vou escrever uma coisa muito óbvia e tenho que mostrar para a minha assessora."



11:23 · 28 ago. 23 · 407 Visualizações

AD: Comentário *Insegurança-4*



M
@crmariy

Seguir

Se estudasse o mínimo não teria essa insegurança, foi burra por opção, ainda dá tempo de reverter isso

**FOFOQUEI** @FOFOQUEI · 27 ago.
Larissa Santos conta que passou a ter insegurança após ter seu português corrigido no bbb: "As vezes, vou escrever uma coisa muito óbvia e tenho que mostrar para a minha assessora."



15:01 · 28 ago. 23 · 593 Visualizações

AE: Comentário *Insegurança-5*



Metrôpoles @Metrôpoles · 25 ago.
➔ Ex-BBB Larissa expõe insegurança após críticas por erros de português

Leia: bit.ly/47L8QIW



 9  1  15  5.656 



Luciano CRF RJ
@FayerLuciano

Seguir

Em resposta a @Metrôpoles
Já fala e anda pra quê pensar?

7:11 · 25 ago. 23 · 70 Visualizações